

MESTRADO EM ENSINO DA GEOGRAFIA NO 3º CICLO DO ENSINO BÁSICO E ENSINO SECUNDÁRIO

**A Mobilidade Espacial das gerações passadas
e o seu impacto no projeto de vida dos jovens**
Caso de estudo em duas turmas do 3º Ciclo na Escola
Básica Pêro Vaz de Caminha

Ana Catarina Dias Pacheco

M

2021



Ana Catarina Dias Pacheco

A Mobilidade Espacial das gerações passadas e o seu impacto no projeto de vida dos jovens Caso de estudo de duas turmas do 3º Ciclo na Escola Básica Pêro Vaz de Caminha

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Fátima Loureiro de Matos.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2021

Ana Catarina Dias Pacheco

A mobilidade Espacial das gerações passadas e o seu impacto no projeto de vida dos jovens Caso de estudo de duas turmas do 3º Ciclo na Escola Básica Pêro Vaz de Caminha

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino da Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, orientada pela Professora Doutora Fátima Loureiro de Matos.

Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

Dedico este relatório a todas as pessoas que me acompanharem neste percurso e que
me deram força para nunca desistir e continuar.

Sumário

Declaração de honra	4
Resumo.....	6
Abstract	7
Índice de Figuras	9
Índice de Tabelas.....	11
Introdução.....	13
1.Enquadramento Teórico	15
1.1. As migrações em Portugal	15
1.1.1 Padrões Migratórios em Portugal: Emigração	16
1.1.2 Padrões Migratórios em Portugal: Imigração	19
1.2 Êxodo Rural em Portugal	21
1.3 Mobilidade Espacial e Residencial em Portugal	23
1.4 Projeto de Vida	27
1.5. A Mobilidade no Projeto de Vida	29
2 Estudo de Caso	32
2.1 Caracterização da escola em estudo	32
2.2 Metodologia	34
2.2.1 Caracterização da amostra	34
2.2.2 Árvore Genealógica.....	35
2.2.2 Inquérito sobre o Projeto de Vida	37
3.Apresentação e análise dos resultados.....	38
2.3 Análise da Árvore Genealógica.....	38
2.3.1 Bisavós	38
2.3.2 Avós	42
2.3.3 Pais.....	46
3.1.4. Tios	50
2.3.4 3.1.5. Irmãos	54
2.4 Inqueritos sobre o Projeto de Vida	56
Considerações Finais	62
Referências Bibliográficas	65
Anexos.....	68

Anexo 1- Árvore Genealógica.....	69
Anexo 2- Inquérito sobre o Projeto de Vida	72

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 2021

Ana Catarina Dias Pacheco

Agradecimentos

Chega ao fim mais uma etapa, esta que foi sem dúvida das mais trabalhosas, mas a mais gratificante.

Foi no estágio que cresci e aprendi não só como professora, mas sobretudo como pessoa e por esse motivo não posso deixar de agradecer a quem fez parte deste caminho.

Em primeiro lugar, quero agradecer à Professora Doutora Fátima Matos que sempre se mostrou disponível para me ajudar e me transmitiu conhecimentos sem os quais este trabalho não tinha sido possível.

Aos meus familiares por todo o apoio e palavras de incentivo.

Aos meus pais, responsáveis por estar aqui, agradeço toda a paciência e encorajamento de que tudo seria possível, bastava eu o desejar. À minha irmã, Martina, com quem pude sempre contar, que foi a minha confidente e ouvinte em todas as dúvidas.

Um agradecimento muito especial aos meus colegas de estágio, Marta Seleiro e Miguel Silva, por todo o apoio, pelas viagens e pelos almoços, onde partilhávamos expectativas, desabafos e experiências, sem vós nada teria sido possível.

Ao meu ano, mas mais que tudo meus amigos e companheiros, agradeço todos os momentos passados desde o primeiro dia do primeiro ano de faculdade. Obrigada não chega para tudo o que fizeram por mim, por todo o companheirismo e aventuras. Um especial obrigado à Catarina Reis pelas milhentas mensagens de desabafo e conselhos que só ela sabe dar para me acalmar.

E claro, um obrigada aos meus primeiros alunos que me fizeram crescer e perceber que é isto que quero fazer para a vida.

Obrigada é uma palavra demasiado pequena para agradecer tudo o que fizeram por mim!

Resumo

Este relatório foi elaborado no âmbito do término do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário e pretende associar a mobilidade das gerações passadas e o impacto que esta tem no projeto de vida dos alunos.

A população mundial está em constante mudança e nunca é estática, por isso o caso de Portugal e da sua população não é diferente. Ao longo das últimas décadas é um facto que a população tende a deslocar-se para locais onde a vivência é mais dinâmica e onde existem mais oportunidades. Assistimos então na primeira metade do século XX a um grande êxodo rural no nosso país e como tal muitas das famílias dos alunos têm as suas origens nas áreas rurais.

O projeto de vida dos jovens é algo em constante mudança e a família é uma parte fundamental na sua definição e mutação, por esse motivo todas as mudanças que ocorrem na família vão afetar os jovens e as suas decisões quanto ao futuro. A mobilidade espacial é um dos aspetos mais importantes da dinâmica sociodemográfica da população, pois o local onde nos inserimos é um fator determinante para as ambições que teremos.

Assim sendo, o presente estudo divide-se em duas partes. A primeira, um enquadramento teórico, baseado na revisão bibliográfica sobre a mobilidade espacial da população em Portugal, bem como a definição do projeto de vida dos jovens.

A segunda parte integra a apresentação e análise dos resultados obtidos através de um estudo de caso desenvolvido em duas turmas do ensino básico da Escola Pêro Vaz de Caminha.

Após a análise de dados foi possível comprovar a mobilidade das gerações anteriores em direção à Área Metropolitana do Porto, fator que terá influenciado as decisões tomadas pelos jovens quanto ao seu futuro, no que respeita aos locais onde quererão viver.

Palavras-chave: Mobilidade; Família; Projeto de Vida; Jovem

Abstract

This report was prepared as part of the conclusion of the Masters in Geography Teaching in the 3rd Cycle of Basic Education and Secondary Education and intends to associate the past generations mobility and the impact it has on the student's life project.

The world population is constantly changing and is never static, so the case of Portugal and its population is no different. Over the last few decades, it is a fact that a population tends to move to places where life is more dynamic and where there are more opportunities. In the first half of the 20th century, we witnessed a wide rural exodus in our country and as such many of the students' families have their origins in rural areas.

The life project of young people is something in constant change and the family is a fundamental part of its definition and mutation, for this reason all changes that occur in family will affect young people and their decisions about the future. Spatial mobility is one of the most important aspects of the population's sociodemographic dynamics, as the place where we are located is a determining factor for the ambitions we will have.

Therefore, this study is divided into two parts. The first, a theoretical framework, based on a literature review on the Portugal population spatial mobility, as well as on the definition of young people life project.

The second part integrates the presentation and analysis of the results obtained through a case study developed in two basic education classes at Escola Pêro Vaz de Caminha.

After analyzing the data, it was possible to prove the mobility of previous generations towards Porto Metropolitan Area, a factor that will have influence young people's decisions about their future, with regard to the places where they will want to live.

Key-words: Mobility; Family; Life Project; Young

Índice de Figuras

FIGURA 1- EVOLUÇÃO DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO SÉCULO XXI (2000-2020)	18
FIGURA 2 – POPULAÇÃO RESIDENTE POR MUNICÍPIO EM PORTUGAL, NOS ANOS DE 1981,2001,2011.....	24
FIGURA 3- IMIGRANTES PROVENIENTES DE OUTRO MUNICÍPIO EM PORTUGAL, NOS ANOS DE 1960, 1981, 2001, 2011	25
FIGURA 4 – NÚMERO DE IMIGRANTES PROVENIENTES DE OUTRO PAÍS NOS 3 POLOS POPULACIONAIS DE PORTUGAL	26
FIGURA 5- SALDO MIGRATÓRIO INTERNO DOS CONCELHOS DO GRANDE PORTO, EM 1981 E 2001	27
FIGURA 6 – ESCOLA PÊRO VAZ DE CAMINHA	32
FIGURA 7- LOCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS DO AGRUPAMENTO PÊRO VAZ DE CAMINHA	33
FIGURA 8 – DISTRIBUIÇÃO DOS INQUIRIDOS POR TURMA	34
FIGURA 9- DISTRIBUIÇÃO DOS INQUIRIDOS POR SEXO.....	34
FIGURA 10 – DISTRIBUIÇÃO DOS INQUIRIDOS POR ANO DE NASCIMENTO.....	35
FIGURA 11- LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS ALUNOS DA AMOSTRA.....	35
FIGURA 12 – ANOS DE NASCIMENTO DOS BISAVÓS MATERNOS	38
FIGURA 13- LOCAIS DE NASCIMENTO DOS BISAVÓS MATERNOS.....	39
FIGURA 14 – LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS BISAVÓS MATERNOS.....	40
FIGURA 15- ANOS DE NASCIMENTO DOS BISAVÓS PATERNOS	41
FIGURA 16 – LOCAIS DE NASCIMENTO DOS BISAVÓS PATERNOS	41
FIGURA 17- LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS BISAVÓS PATERNOS	42
FIGURA 18 – ANOS DE NASCIMENTO DOS AVÓS MATERNOS	43
FIGURA 19- LOCAIS DE NASCIMENTO DOS AVÓS MATERNOS.....	43
FIGURA 20 – LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS AVÓS MATERNOS.....	44
FIGURA 21- ANOS DE NASCIMENTO DOS AVÓS PATERNOS.....	45
FIGURA 22 – LOCAIS DE NASCIMENTO DOS AVÓS PATERNOS	45
FIGURA 23- LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS AVÓS PATERNOS	46
FIGURA 24 – ANOS DE NASCIMENTO DAS MÃES	47
FIGURA 25- LOCAIS DE NASCIMENTO DAS MÃES.....	47
FIGURA 26 – LOCAIS DE RESIDÊNCIA DAS MÃES.....	48
FIGURA 27- ANOS DE NASCIMENTO DOS PAIS	48
FIGURA 28 – LOCAIS DE NASCIMENTO DOS PAIS.....	49
FIGURA 29- LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS PAIS.....	50

FIGURA 30 – ANOS DE NASCIMENTO DOS TIOS MATERNOS	51
FIGURA 31- LOCAIS DE NASCIMENTO DOS TIOS MATERNOS	51
FIGURA 32 – LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS TIOS MATERNOS	52
FIGURA 33- ANOS DE NASCIMENTO DOS TIOS PATERNOS.....	53
FIGURA 34 – LOCAIS DE NASCIMENTO DOS TIOS PATERNOS.....	53
FIGURA 35- LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS TIOS PATERNOS.....	54
FIGURA 36 – ANOS DE NASCIMENTOS DOS IRMÃOS	54
FIGURA 37- LOCAIS DE NASCIMENTO DOS IRMÃOS	55
FIGURA 38 – LOCAIS DE RESIDÊNCIA DOS IRMÃOS	56
FIGURA 39- LOCAIS ONDE OS ESTUDANTES PRETENDEM VIVER APÓS A SUA INDEPENDÊNCIA ECONÓMICA	57
FIGURA 40 – DISPOSIÇÃO PARA TRABALHAR NOUTRO LOCAL DE PORTUGAL.....	58
FIGURA 41- LOCAIS PARA ONDE IRIAM RESIDIR	58
FIGURA 42 – DISPOSIÇÃO PARA EMIGRAR	58
FIGURA 23- DESTINOS DE EMIGRAÇÃO	60

Índice de Tabelas

TABELA 1 – RESPOSTAS À QUESTÃO SOBRE OS OBJETIVOS DE VIDA	61
---	----

Lista de abreviaturas e siglas

UE	UNIÃO EUROPEIA
PALOP	PAÍSES DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA
EFTA	ASSOCIAÇÃO EUROPEIA DE COMÉRCIO LIVRE
AML	ÁREA METROPOLITANA DE LISBOA
AMP	ÁREA METROPOLITANA DO PORTO
TEIP	PROGRAMA TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DE INTERVENÇÃO PRIORITÁRIA

Introdução

Segundo João Peixoto (1987), as migrações sempre foram uma realidade que a população portuguesa conhece bem. Foi a partir dos finais do século XIX, até aos anos 30 do século XX que se assistiu às maiores vagas de migrantes, quer para o estrangeiro, quer internamente, sobretudo, as migrações de população vinda das áreas rurais do interior do país para o litoral para se instalar nas grandes cidades e na periferia das mesmas.

Dessa forma muita da população que atualmente vive no Porto e na área envolvente da cidade não tem a sua origem nesse local, ou seja os seus bisavós e avós na sua juventude realizaram o conhecido, êxodo rural.

Este tema é importante de se abordar, pois, atualmente o mundo está cada vez mais ligado e as fronteiras são cada vez menos e mais fáceis de transpor. Por essa razão somos cada vez mais “filhos do mundo”. Os jovens atualmente, têm cada vez menos ligação à terra de origem dos seus antepassados e por isso, este é um tema pertinente pois vai possibilitar aos alunos voltar a fazer conexões com as terras de origem, descobrindo o seu passado e de certa forma voltar a avivar este laço.

O tema das migrações é, ainda, um tema transversal ao estudo da população na disciplina de Geografia e por esse motivo torna-se um tópico que, além de retratar a história das migrações da população portuguesa, enquadra-se ainda no conteúdo da multiculturalidade.

Assim sendo a pergunta de partida a qual nos propomos responder neste relatório é: De que forma a mobilidade espacial e residencial da família condiciona o projeto de vida dos estudantes.

De modo a responder a esta pergunta, foram estabelecidos como objetivos:

- Mapear a mobilidade espacial das gerações passadas dos estudantes;
- Perceber quais os locais de origem das famílias e os diversos locais de residência que esta já teve;
- Justificar os movimentos da população das diversas gerações;

- Investigar e associar o projeto de vida dos estudantes quanto à espacialização da sua família para o futuro, ou seja, se estes pretendem continuar a viver no mesmo local dos seus pais e o porquê, ou se querem emigrar.

Para este fim, foi aplicada uma metodologia dividida em dois momentos. O primeiro momento foi o preenchimento da árvore genealógica de cada família por parte dos alunos, onde se questionou o ano de nascimento e local de nascimento, bem como, o local de residência, para os diferentes membros. O segundo momento prendeu-se com a resposta a um inquérito sobre o Projeto de Vida dos jovens, aqui era perguntado quais as aspirações para o seu futuro, realçando-se a análise do local onde pretendiam residir ou trabalhar. Esta metodologia, foi aplicada em duas turmas do 3º Ciclo do Ensino Básico (uma do 8º e outra do 9º ano) da Escola Básica Pêro Vaz de Caminha, local onde se realizou o estágio curricular.

A estrutura do relatório, para além desta introdução, é constituída, por um primeiro capítulo, de enquadramento conceptual, onde será abordado o tema e o conceito de mobilidade, as migrações externas e internas como o êxodo rural e por fim o projeto de vida e o papel da família neste. O segundo capítulo diz respeito ao contexto metodológico, ou seja, aqui será descrita a escola onde foi realizado o estudo, a metodologia utilizada e a caracterização das turmas que constituem a amostra em estudo. Por fim, faz-se a apresentação e interpretação dos resultados que foram obtidos através da aplicação dos dois métodos (árvore genealógica e inquérito). Terminámos com as considerações finais.

1. Enquadramento Teórico

1.1. As migrações em Portugal

A mobilidade da população é um fenómeno intrínseco ao Homem e pode ocorrer a variadíssimas escalas tanto no espaço como no tempo. Esta mobilidade não diz apenas respeito ao Homem, esta providencia mudanças nos territórios e nas paisagens, contribuindo para a transformação dos espaços geográficos.

Para Susana Silva e Jaquelina Ventura (2008), o fenómeno da mobilidade da população é algo complexo, pois não designa apenas um fenómeno social ou económico, mas também geográfico, antropológico, e de ordem sobretudo demográfica, dado que não assistimos apenas às migrações em si, pois é também necessário analisar os comportamentos de deslocação das populações.

Antes de mais, importa definir o conceito de mobilidade. É identificado por diversos autores, como a deslocação de um indivíduo ou grupo, de um local para outro que não o seu de origem, constituindo-se assim a figura de migrante. O Instituto Nacional de Estatística (sistema de metainformação) acrescenta ainda que esta mudança de residência pode ser de forma temporária ou permanente.

Outro ponto importante de se referir é que este fenómeno pode ter diferentes características e motivações, pode ser uma ação espontânea, à qual dá-se o nome de migração voluntária, ou pode ser forçada, quando vai contra a vontade do migrante. Do ponto de vista espacial pode ser interna, quando é realizada dentro do mesmo país, ou seja, não existe a transposição de fronteiras, ou então pode ser externa, quando a deslocação exige a transposição de uma fronteira (INE, sistema de metainformação).

Outros dois conceitos importantes a diferenciar é a emigração da imigração. Estas duas noções são repetidamente confundidas, mas na realidade são o oposto uma da outra. Enquanto que emigração consiste na saída da população do seu país de origem para o estrangeiro, a imigração diz respeito a entrada de população estrangeira num país recetor (INE, sistema de metainformação).

A mobilidade populacional tem intimamente diversas motivações “O acto de deslocação no espaço geográfico é uma variável resultante de uma complexa e imbricada constelação de factores pluridimensionais, sendo difícil isolar um só como única esfera desencadeadora em muitas situações concretas” (Fernandes, 2001), ou seja, a escolha de partir é um complexo processo de escolha e ponderação, onde está subjacente motivações variadas.

Diversos autores (como por exemplo, Jackson, 1991, citado por Peixoto, 2004) defendem a teoria dos “*Push and Pull Fatores*”, (*push* fatores são aspetos de repulsa de um local, enquanto que *pull* fatores são os fatores atrativos), e o grande fator que pesa mais na decisão de qualquer migrante, seja ele interno ou externo, é o económico. Os aspetos repulsivos, nos locais de partida, prendem-se sobretudo com os baixos salários, desemprego e entraves ao desenvolvimento pessoal que do ponto de vista do migrante são facilmente remediados nos locais de destino. A ideia de “território desejado” é uma criação que o migrante faz na sua cabeça, quando compara a sua situação atual que normalmente é mais desfavorecida, com o território atrativo para o qual deseja ir.

Rui Pena Pires et. al. (2020) afirmam que das diversas teorias já desenvolvidas, todas elas defendem que os migrantes tendem a deslocar-se de países menos desenvolvidos ou periféricos, para países centrais que por sua vez são mais desenvolvidos. Assim sendo à luz desta teoria, Portugal é considerado, no contexto da Europa, um país menos desenvolvido, e por esse motivo, é um país de emigração quando comparado aos restantes países da UE. Na verdade, “em 2001 Portugal era o segundo país da União Europeia com mais emigração acumulada” (Pires, 2010, p. 15).

1.1.1 Padrões Migratórios em Portugal: Emigração

Portugal é, e sempre foi considerado um país tradicionalmente de emigração. Podemos recuar no tempo e enaltecer o primeiro grande fluxo de emigração portuguesa, na época dos Descobrimentos, quando existiu a necessidade de povoar os locais recém-descobertos, de modo a garantir a posse dos mesmos.

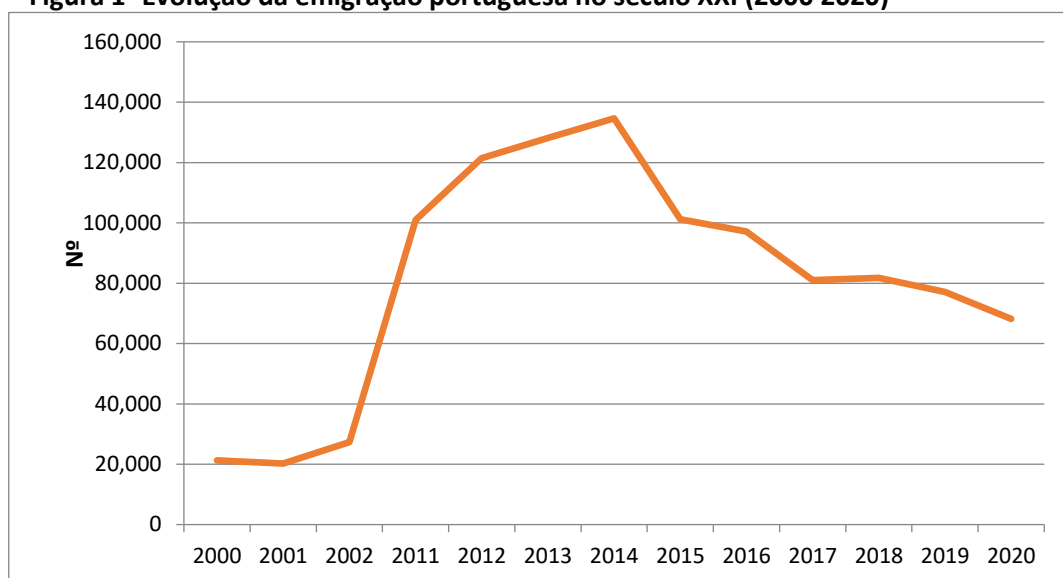
Susana Silva e Jaquelina Ventura (2008) citam Rocha-Trindade (2001) e Malheiros (2005), e referem que ambos os autores, estabelecem a emigração portuguesa em três ciclos, e são eles: a Fase Clássica que começou no séc. XIX até aos anos 50 do séc. XX, aqui a emigração tinha como destino principal o Brasil. Sucedeu-lhe o Ciclo Moderno, período compreendido entre o pós-guerra e 1974, coincidente com o desenvolvimento económico dos países da Europa Ocidental, nomeadamente, com a expansão da indústria transformadora e construção civil, esta era uma migração cujos destinos principais foram a França e a Alemanha Ocidental, e tinha como principal motivação a fuga à pobreza e ao desemprego. Nesta fase a demografia portuguesa foi bastante afetada pois assistiu-se ao progressivo envelhecimento da população e ao despovoamento dos concelhos do interior do país. Por último, a fase mais recente, com início na segunda metade dos anos 80. Esta última fase, com a revolução de 1974 e a expectativa de que as condições em Portugal melhorariam a emigração sofreu uma contração e esta só retomaria o crescimento, apesar de lento, a partir da segunda metade dos anos 80. Nesta altura começam a surgir novos destinos, como a Suíça e o Luxemburgo, continuando, contudo, os emigrantes a dirigir-se para os destinos da fase anterior, sobretudo para França. Esta fase apelida-se de Ciclo Contemporâneo.

No início do século XXI, começam a surgir destinos como a Espanha e o Reino Unido, sem descurar os restantes destinos anteriormente referidos. Atualmente a emigração portuguesa generalizou-se para todos os países mais desenvolvidos da Europa. Por outro lado, os fluxos intercontinentais perderam importância, sobretudo para o continente americano e africano.

Rui Pena Pires (2020) citando Wihtol de Wenden, 2018, afirma que a emigração portuguesa se regionalizou, tornando-se hoje, sobretudo um fenómeno europeu. Outro fator explicativo desta regionalização de destinos da emigração portuguesa foi a assinatura do acordo de Schengen, em 1991, que permitiu uma crescente facilitação da circulação de pessoas no espaço europeu e nos países da EFTA. Segundo os Censos nacionais de 2010/11, nestes dois espaços residiam 1,1 milhões de portugueses emigrados (Pires, Pereira, Azevedo, Vidigal & Veiga, 2020).

Na figura 1 podemos observar a evolução mais recente da emigração portuguesa, como afirmam Pires, Pereira, Azevedo, Vidigal & Veiga (2020), esta “quarta vaga da emigração” está associada à integração de Portugal na zona Euro, com a consequente estagnação da economia e com a crise económica de 2008, o que faz aumentar o volume de saídas até 2013. A partir de 2014, com a retoma económica após a crise de 2008, a emigração diminui, aumentando a imigração (Pires, Pereira, Azevedo, Vidigal & Veiga, 2020). Como referem estes autores, o crescimento da emigração neste século resultou, da emergência de novos destinos no espaço europeu (Suíça, Espanha e Reino Unido).

Figura 1- Evolução da emigração portuguesa no século XXI (2000-2020)



Fonte: Observatório da Emigração

Um ponto que mudou com o avançar das diferentes fases de emigração foi as características sociodemográficas da população emigrada. Se nas primeiras fases descritas da emigração quem emigrava eram sobretudo homens, atualmente a distribuição por sexos é bastante igualitária. Outro ponto importante a relatar é a mudança de idades dos migrantes, se anteriormente se emigrava bastante jovem, atualmente há uma maior diversificação das idades, ainda que continuem a predominar os mais jovens. Quanto à escolarização, nas primeiras fases predominava indivíduos com poucas qualificações, mas até este indicador está a mudar, em apenas dez anos (de 2001 para 2011) o emigrante com formação superior passou de 6% para

11% (Pires, Pereira, Azevedo, Vidigal & Veiga, 2020), este facto é explicado pela crescente escolarização da população portuguesa. Outro indicador que se pode relacionar com a escolaridade é o tempo de permanência no local de chegada, segundo Pena Pires (2020), os emigrantes que prolongam a sua permanência são em norma menos qualificados, ao passo que os mais qualificados preferem emigrar durante pequenos períodos de tempo e escolhem novos países de emigração, como a Noruega ou Irlanda, por exemplo.

1.1.2 Padrões Migratórios em Portugal: Imigração

A imigração é algo que Portugal conhece bem, mas em termos quantitativos, esta é menos representativa.

No século XVIII assistimos à chegada de ingleses, alemães, franceses, entre outros, que se deslocaram para o nosso país com vista a dominarem os negócios relacionados com o vinho do Porto e com a extração mineira. Nos anos 40 do século XX acolhemos milhares de judeus fugidos à guerra e nos anos 70 recebemos grandes quantitativos de imigrantes vindos das antigas colónias, como de Cabo Verde, Angola e Moçambique, este fenómeno fez com que a demografia portuguesa se alterasse, uma vez que, não regressaram apenas os cidadãos portugueses, mas também, as famílias que tinham construído. Segundo António Barreto (2002) entraram em Portugal 650.000 expatriados.

Nos últimos anos, Portugal assistiu a um *boom* imigratório vindo da Europa de Leste. Atualmente, Portugal acolhe cidadãos de todo o mundo, mas destacam-se os de origem nos estados membros da UE e os movimentos migratórios vindos dos PALOP, “...o grupo africano elege cada vez mais Portugal, pela proximidade linguística, social e cultural, laços afetivos e também como escape à instabilidade procedente da descolonização e que ainda hoje se manifesta” (Silva & Ventura, 2006).

Outro grupo de imigrantes de grande destaque é a comunidade brasileira, que nos anos 2000 se tornou o principal grupo imigrante- não comunitário- que vivia em Portugal, ultrapassando a comunidade de Cabo Verde que era até então a mais

representativa (Pires, 2010). A aptidão linguística, bem como as semelhanças culturais e os laços familiares, não esquecendo as facilidades de entradas concedidas devido ao quadro legislativo, constituíram as motivações para esta nova corrente de imigração.

Com a chegada de população a um determinado território advêm múltiplos impactos, que podem ser positivos ou negativos. No caso de Portugal “por um lado pode revelar um nível de desenvolvimento considerável nomeadamente no que toca ao próprio crescimento económico, por outro traduz-se numa grande necessidade de compensar o “vazio” provocado pelas diversas correntes emigratórias que caracterizaram durante muito tempo a dinâmica migratória do país e, que deixaram marcas na estrutura do território e da economia portuguesa, tentadas agora colmatar através dos fluxos imigratórios” (Silva & Ventura, 2006, p. 22).

Um ponto positivo a salientar é que os imigrantes desempenham um papel fulcral no desenvolvimento das regiões onde se instalam, nomeadamente, no caso de Portugal, no interior, devido a saturação das regiões metropolitanas, desempenhando uma espécie de “ator de soluções” para problemas como o despovoamento, decadência da população ativa, fraca rede industrial e o envelhecimento da população. Um dos grupos de imigrantes que têm servido como atores de soluções no interior, são os imigrantes de leste, bem como os asiáticos, que se instalam nas áreas mais rurais, trabalhando na agricultura sazonal, dinamizando assim estas áreas. Contudo, apesar de serem dinamizadores de cultura e investimento, existem aspetos negativos a destacar quanto à sua permanência nos territórios de chegada. Um destes pontos, frequentemente referido é a concorrência entre os imigrantes e os nacionais, uma vez que, os estrangeiros aceitam os empregos que os nacionais rejeitam. Com esta aceitação dos trabalhos rejeitados pelos nacionais, muitas vezes criam-se redes e economias informais, onde os imigrantes são iludidos com melhores salários, mas na realidade entram num ciclo de contratos ilegais e precários onde lhes são extorquidos direitos fundamentais (Silva & Ventura, 2006).

Apesar das diferenças culturais, linguísticas e de interesses, Portugal é visto como um país “... pluri-étnico onde se diversificam as origens do *outro* que cada vez mais

coabita com o nacional, numa relação com contornos ainda recentes” (Silva & Ventura, 2006, p. 24).

1.2 Êxodo Rural em Portugal

Um determinado território é uma extensa e densa teia de ligações entre todas as suas regiões, desse modo um determinado local nunca está isolado, mas sempre conectado com a sua envolvente.

No caso de Portugal a oposição entre cidade e campo, rural e urbano tem vindo cada vez mais a ser substituída por um relacionamento, onde existe uma interdependência e complementaridade. Atualmente estas relações têm vindo a ser alvo de estudo e incorporadas no planeamento com vista a desenvolver o território e fomentar a interdependência dos espaços.

Esta relação de interdependência pode ser dividida em três fases, se na primeira fase predominavam as sociedades rurais, que viviam da agricultura e alimentavam as cidades, na segunda fase com a industrialização o papel de sustentar e ser sustentado inverteu-se. Hoje em dia, estamos perante a terceira fase onde esta relação tem-se estreitado e já não existe uma dependência de um para com o outro, mas sim, um papel de entreaajuda.

Quando falamos de êxodo rural e na deslocação da população para o litoral no caso português é importante sistematizar esta distribuição. A distribuição da população portuguesa “...é espacialmente assimétrica beneficiando os distritos do litoral onde se concentram as maiores oportunidades de emprego ditadas pelas estruturas económicas dominantes” (Arroteia, 2010, p.7).

Segundo Teresa Sá Marques (2003), Portugal intensificou a densidade residencial nuns locais em detrimento de outros, destacando-se sobretudo o litoral, entre o extremo norte e Setúbal, dentro desta faixa extremamente densa, destaca-se as áreas em torno do Porto e Lisboa, pois estas são bacias de emprego. “Pelo contrário, os distritos mais afetados pelas perdas de habitantes foram os do interior norte e centro do país e os do Alentejo, ou seja, as áreas do país igualmente reconhecidas como detentoras da menor capacidade e dinamismo demográfico, económico e social” (Arroteia, 2010, p.7). Contudo, também, “evidenciam-se no interior pequenas “ilhas”,

umas mais pequenas e outras, um pouco mais visíveis retratando alguma atratividade residencial (Cidades Médias)” (Marques, 2003, p. 2).

Para Teresa Sá Marques existem diversas perspetivas quanto às relações urbano-rural, e são elas: os movimentos pendulares de casa-trabalho, as movimentações para a cidade com vista à satisfação das necessidades em bens e serviços, os movimentos para o rural para lazer e por fim as redes desenvolvidas pelas empresas que ligam o rural ao urbano. A segunda perspetiva apresentada é a principal razão do êxodo rural registado em Portugal, pois os centros urbanos são locais de oferta e consumo de bens, serviços e produtos essenciais à população, assim como, de maiores oportunidades de emprego, ao passo que nas áreas rurais a oferta destes serviços é muito mais reduzida e as oportunidades de emprego também. Dessa forma as cidades apelidadas de cidades médias surgem como “nós” essenciais na estruturação do território de maneira a mitigar as diferenças entre os espaços.

Com o passar dos anos, o interior atrai cada vez mais famílias que procuram casa no campo com vista ao lazer e tranquilidade, e por esse motivo o interior tem-se vindo a dinamizar cada vez mais.

A análise dos movimentos da população permite-nos conhecer e avaliar o estado das economias à escala regional e até mesmo o desenvolvimento económico a nível nacional, que é responsável por despoletar os movimentos populacionais.

Jorge Arroiteia (2010), cita Baptista e Moniz de 1985, estes afirmam que existe uma acentuação dos processos de urbanização e de industrialização nas áreas litorais, que por esse motivo conduzem ao aumento da atração e concentração demográfica. Este fenómeno sucede-se nas duas áreas metropolitanas portuguesas, Porto e Lisboa, na Península de Setúbal e ainda em polos urbano-industriais mais recentes, como o caso de Aveiro e Braga. Estes locais funcionam como centros atrativos à fixação humana, sobretudo para jovens e adultos. A migração destes grupos etários não é nova, e afeta gravemente os locais de partida, quer socialmente, demograficamente e economicamente pois torna estes locais menos desenvolvidos em detrimento dos crescimentos das grandes “urbes”.

Quando analisamos a extensão dos movimentos, através dos indicadores, é possível aferir que os cidadãos residentes nos concelhos de Lisboa e Setúbal não são naturais desse local, ou seja as suas famílias são oriundas do interior, das áreas mais rurais, esta análise apresentada por Jorge Arroiteia (2010) comprova a capacidade de atração destes polos habitacionais. Esta atração é justificada pelas oportunidades de emprego e o bem-estar proporcionado pelo desafogo económico.

Quando falamos do Porto, cidade onde está inserida a escola alvo do nosso estudo, “evidencia-se de igual forma uma extensa área com ritmos de crescimento populacional elevados, mas inferiores aos registados na coroa de Lisboa. Trata-se de um processo de urbanização mais difuso e estendido, e aparentemente mais fragmentado. Esta área estende-se, mais ou menos, entre Braga e Aveiro, com algumas descontinuidades (algumas freguesias são menos dinâmicas)” (Marques, 2003, p. 3).

1.3 Mobilidade Espacial e Residencial em Portugal

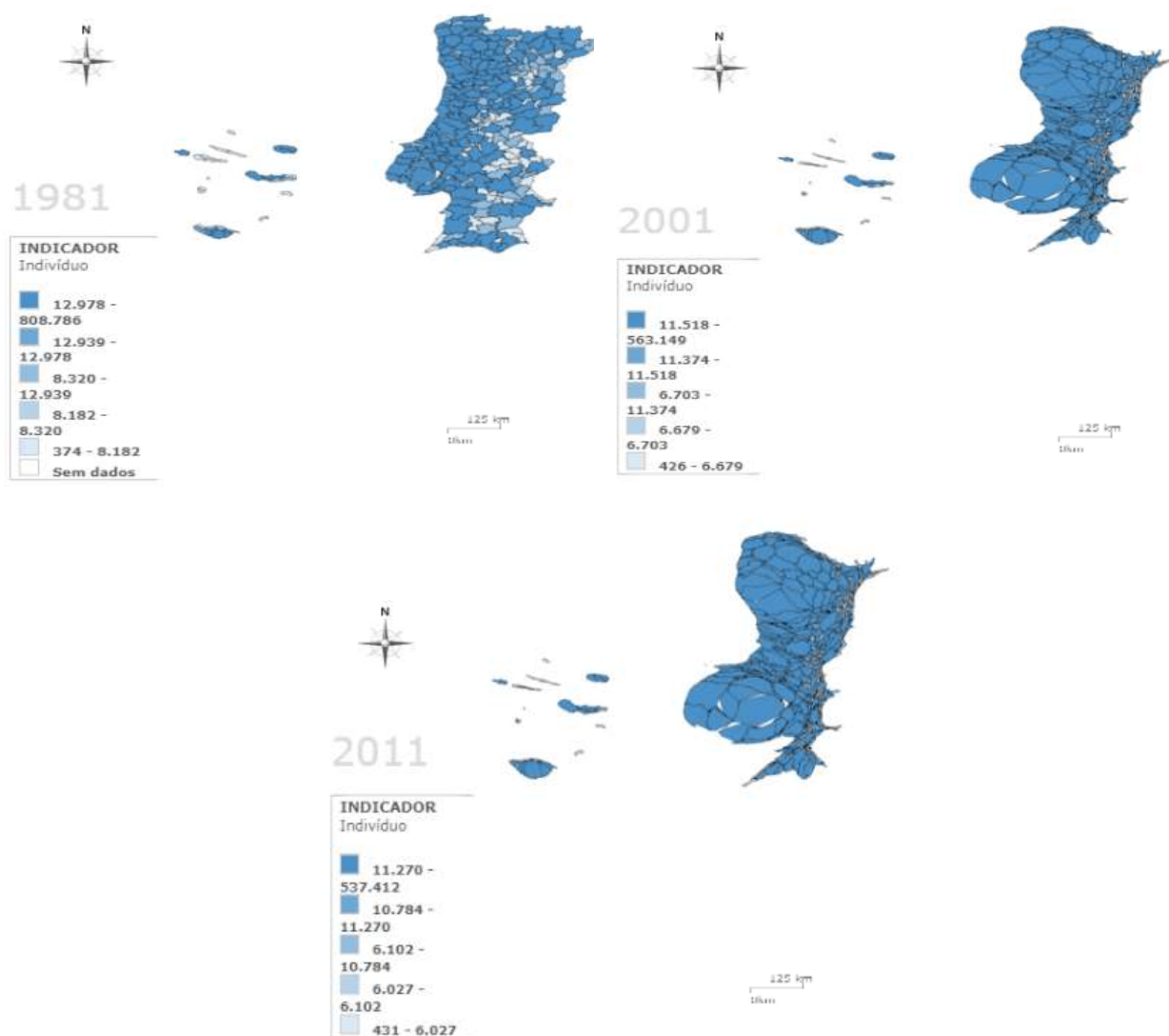
O primeiro recenseamento em Portugal decorreu no ano de 1864 e atualmente já foram realizados 16 momentos censitários. É a partir destes recenseamentos que podemos analisar a população que reside no nosso país e perceber a sua evolução.

Como referido por Baptista, anteriormente a população portuguesa residia sobretudo junto à linha de costa, mais concretamente entre Viana do Castelo e Setúbal, sem esquecer o polo populacional do Algarve.

Os mapas abaixo (figura 2) representam a população absoluta por concelho em Portugal. Estes são os apelidados, mapas distorcidos e dão mais ênfase aos locais onde os valores absolutos de população são maiores.

Observando então os mapas, é possível comprovar a afirmação acima referida e apoiada por diversos autores. Além de a população estar concentrada na faixa litoral do território nacional podemos avaliar a evolução desta distribuição, entre 1981 e 2011. O primeiro ponto a ressaltar é que os dois maiores centros urbanos em Portugal aumentaram significativamente, de modo a que o mapa distorcido destaca apenas esses locais.

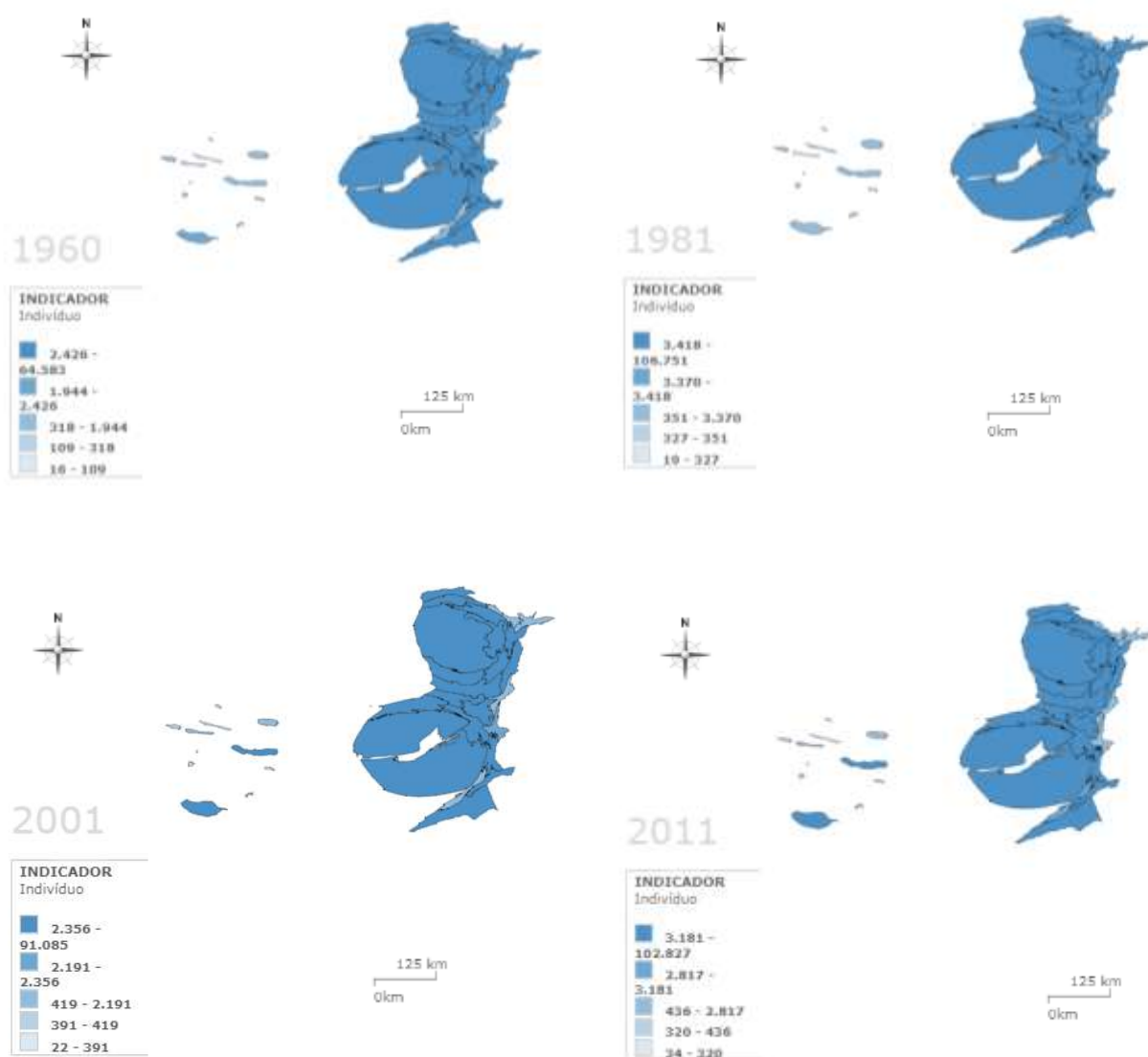
Figura 2- População residente por município em Portugal, nos anos de 1981, 2001, 2011



Fonte: Pordata, Base de Dados dos Municípios

Outro indicador que é fornecido pelos Censos que ajuda na compreensão da mobilidade da população é a “imigração proveniente de outros municípios”, ou seja, a partir destes mapas é possível perceber para onde se desloca a população que realiza o êxodo rural. Os mapas que se seguem apresentam este indicador por NUTT’s III em Portugal, nos anos de 1960, 1981, 2001 e 2011 (figura 3).

Figura 3 - Imigrantes provenientes de outro município em Portugal, nos anos de 1960, 1981, 2001, 2011

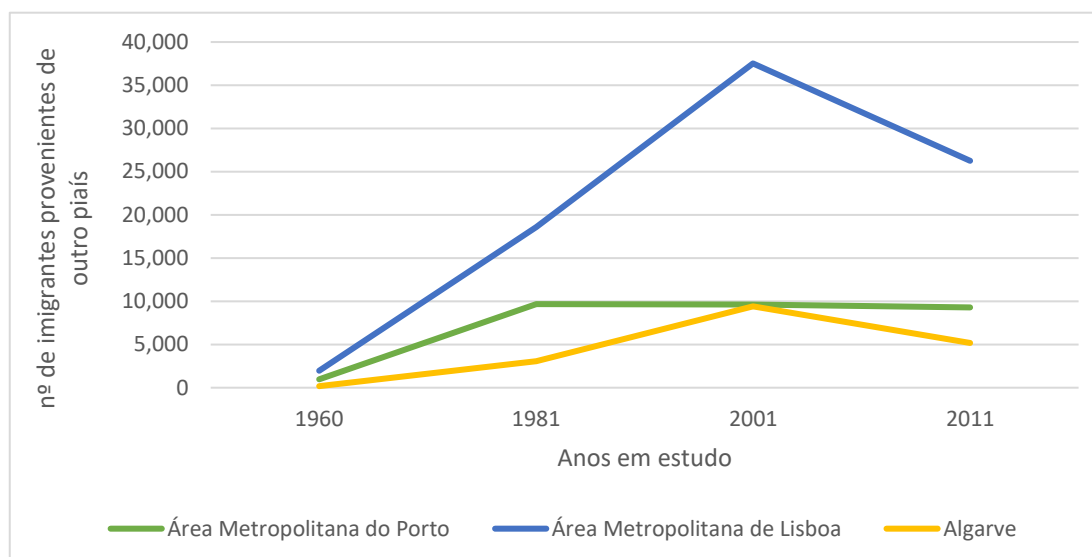


Fonte: Pordata Base de Dados dos Municípios

Nestes mapas destacam-se as Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto ao longo dos anos em análise. A maior variação positiva registou-se na AML de 1960 para 1981, onde o valor passou de cerca de 64 mil pessoas, que nasceram noutros municípios, mas que passaram a residir na AML, para cerca de 106 mil habitantes.

Em relação à AMP registou um aumento progressivo, em 1961 registava cerca de 27 mil pessoas imigrantes oriundas de outros locais do país, e em 2011 estas já eram cerca de 45 mil habitantes.

Figura 4- Número de imigrantes provenientes de outros países nos 3 polos populacionais de Portugal



Fonte: INE- X, XII, XIV, XV Recenseamentos Gerais da População

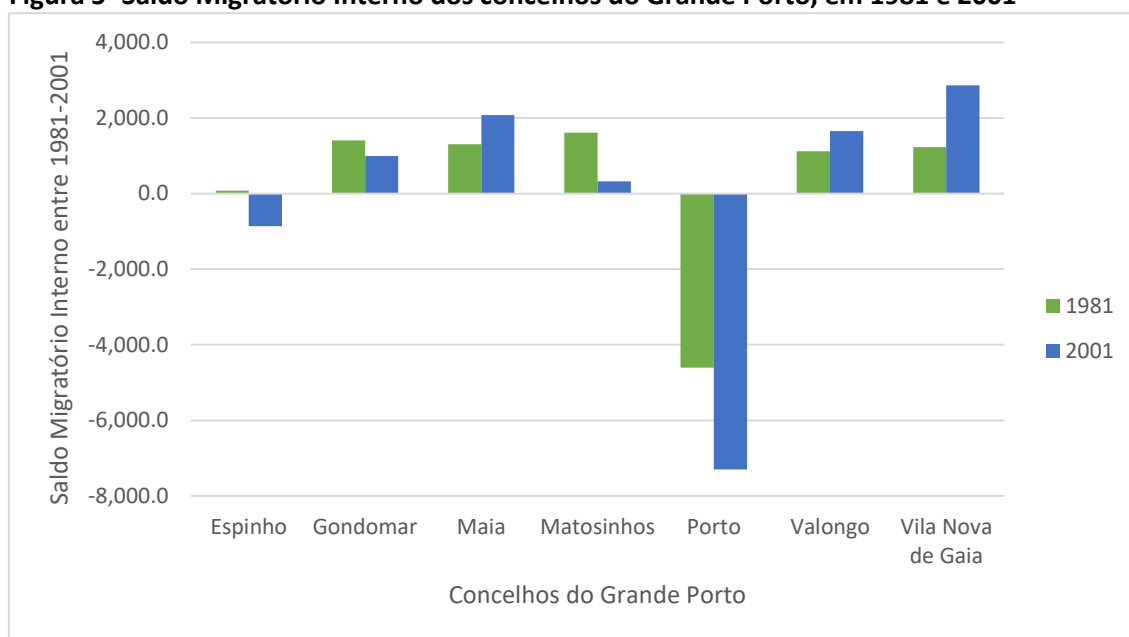
(os concelhos da AMP são os que atualmente a compõem, a exceção da Trofa que só entra na contagem a partir de 2001. Na AML, o concelho da Amadora só entra na contagem a partir de 1981 e o concelho de Odivelas a partir de 2001)

Quando falamos da imigração, de população que se dirige para Portugal oriunda de outros locais e países estes dirigem-se sobretudo para a AMP e para a AML.

Como se pode observar na figura 4, a AML registou no ano de 2001 o pico de imigração com cerca de 37 mil imigrantes oriundos de outros países, mas a partir desse ano até 2011 este número desceu, mas mantem-se o principal polo de atração.

O “saldo migratório interno” que nos é disponibilizado a seguir é o índice que compila as entradas e saídas dos migrantes dentro de Portugal, ou seja o movimento que as famílias fazem internamente no país. A figura 5 apresenta esses mesmos valores no ano de 1981 e de 2001 para os municípios do Grande Porto.

Figura 5- Saldo Migratório Interno dos concelhos do Grande Porto, em 1981 e 2001



Fonte: INE, XII e XIV Recenseamentos Gerais da População

No ano de 1981 o município do Porto registava um saldo migratório interno negativo, ou seja, a saída de munícipes era superior à entrada de população que escolhia o Porto para viver, esse fenómeno continuou a aumentar até 2001. Se em 1981 era Matosinhos e Gondomar que mais atraía população dentro do Grande Porto, em 2011 passa a ser Vila Nova de Gaia e a Maia com valores de cerca de dois mil e oitocentos e dois mil habitantes respetivamente. Para além do Porto, Espinho também tem um saldo negativo, passando a ter mais saídas que entradas de população.

1.4 Projeto de Vida

O projeto de vida é algo muito subjetivo, que depende de pessoa para pessoa e por isso não existe uma definição exata.

Letícia Dellazzana-Zanon e Lia Freitas (2015) reuniram num artigo científico diversas definições do que é o projeto de vida com base em diversos autores que estudaram o tema. Para Erikson (1968/1976) o projeto de vida só surge após a solução da crise de identidade pela qual os jovens passam, assim o projeto de vida é algo

essencial para o desenvolvimento do indivíduo enquanto ser humano pois é este que dita os objetivos fundamentais que ditaram a identidade individual.

Piaget (1964/2007) afirma que o projeto de vida é essencial à formação da personalidade e ajuda na integração do jovem no mundo social, este projeto é desenvolvido ponderando as hipóteses disponíveis e ultrapassando barreiras. A criação do projeto de vida é idealizado aquando da adolescência, pois é aqui que o jovem já se sente mais aceite na sociedade e considera-se mais igual aos adultos, bem como, começa a perceber o seu papel futuro na sociedade e os valores pelos quais se quer guiar. Quando o jovem começa a organizar as regras pelas quais deve seguir os valores e a sua vontade, constrói a sua personalidade que por sua vez o levará a ter um projeto de vida mais delineado.

Porém a idealização e construção do projeto de vida, atualmente, é cada vez mais uma tarefa difícil e complexa. La Taille citada por Dellazzana-Zanon e Freitas (2015) defende que a multiplicidade de opções e a necessidade de realizar escolhas, dificulta a idealização do projeto de vida pois, é necessário ter uma finalidade/objetivos bem definidos e hierarquizados. Esta dificuldade de hierarquização é o que mais confunde os jovens nas suas escolhas pois, alguns valores atualmente são inflacionados em detrimento de outros devido ao meio onde nos inserimos.

De acordo com Heidegger citado por Ângela Andrade (2010) o projeto de vida é algo mutável e o homem vive dentro desse mesmo projeto, tornando-se o projeto em si mesmo. No mesmo sentido Gonçalves (2008) apoia a “abertura” do projeto de vida e a permanente construção do mesmo. Este projeto de vida é ainda influenciado pelo meio onde nos inserimos, como já referido, por isso o contexto torna-o alterável, sendo um deles o familiar.

Para Hercínia Silva (2016), a família é a base, o pilar da educação e formação dos jovens e é sem dúvida ela que capacita os jovens a viver em sociedade, garantindo-lhe competências de relação para com os outros. “Este é o primeiro espaço de transmissão de regras sociais e de valores, que fazem parte da cultura da sua

comunidade, contribuindo inegavelmente para a educação dos seus elementos”

(Andrade, 2010, p. 28), tornando-se assim o início e a base do projeto de vida.

Se a família tiver um projeto de vida, os jovens encontram aí um ambiente favorável a estabelecer objetivos e a vê-los crescer. Este contexto tem vindo a perder importância, em detrimento da escola, onde os jovens com os seus amigos e em ligação com os meios de comunicação criam outros valores que afetam o seu projeto de vida.

Outro contexto importante que faz mudar as ambições dos jovens é o meio onde estes se inserem. Para Manuel Gonçalves (1997), a comunidade e cultura onde se insere influencia reciprocamente os jovens. Este é um sistema aberto que providencia adaptações necessárias aos seus membros, pois um jovem que viva num local com menos oportunidades irá ter um projeto de vida mais redutor adequado ao meio onde se insere. Todavia com o crescimento e o alargar de horizontes o adolescente percebe que existe mais e melhor para além daquilo que o rodeia e por isso investiga e procura além do seu primeiro “habitat” fazendo alargar o seu projeto de vida.

1.5. A Mobilidade no Projeto de Vida

Para Natália Ramos (2008), o processo migratório desencadeia uma rutura tanto espacial como temporal com o local de partida desencadeando transformações psicológicas, físicas, sociais, culturais e familiares que implicam uma adaptação dos jovens e das suas famílias. Esta rutura facilita a integração nas novas condições, tornando-se assim parte da sociedade de acolhimento.

A comunidade migrante, após estar envolvida na sociedade recetora, apresenta ainda valores culturais e familiares que funcionam como escudo protetor. Entre eles, mantêm-se rituais familiares e costumes, trazidos dos países de origem que permitem enfrentar as dificuldades impostas pelo processo de integração. Dessa forma impedem que a cultura estrangeira lhes cause sofrimento, ao mesmo tempo, que preservam a ligação ao país de origem.

Contudo, os migrantes podem não se integrar. Quando isso acontece estes enfrentam isolamento, solidão e incompreensão uma vez que foram obrigados a abandonar a sua família e locais conhecidos, para encarar uma nova cultura, novos

hábitos e por vezes hostilidades. Sem esquecer a crise de identidade cultural que podem sentir.

Assim o migrante necessita de uma grande capacidade de fazer face às mudanças e à gestão das novas relações culturais de modo a conseguir incorporar a nova cultura na sua de origem.

Esta ambiguidade, para Antunes (1980) só tem duas soluções, ou o migrante adota mecanismos de defesa e de atenuação ou os elimina. Ou seja, ou retorna à sua origem ou mantém-se enquanto migrante tirando o máximo possível vantagens disso. Para atenuar estas dificuldades o imigrante cria então redes de elementos familiares do contexto de origem, por exemplo, através do agrupamento de familiares e contemporâneos de modo a colmatar a cultura que deixou para trás. Estas redes, fazem-se, muitas vezes, através de associações, que têm um papel fundamental, nas comunidades de imigrantes. Uma ponte muito importante que pode ser criada é, através dos jovens. Estes inserem-se no sistema escolar e assimilam a nova sociedade, permitindo que se estabeleçam relações com a mesma. Assim verifica-se que as segundas gerações de migrantes manifestem grandes capacidade de integração e resolução de problemas.

A integração é, assim, um processo complexo e dinâmico e permite ao indivíduo estabelecer relações com os diferentes contextos em que está inserido, reformulando as suas estratégias no que toca ao seu presente e futuro.

Quanto ao país de origem, o migrante adquire, perante a comunidade de onde partiu, atributos que o valorizam, passa a ser visto como uma pessoa com grande iniciativa, capacidade de sacrifício, com vontade de melhorar a vida e de ser “alguém”. Assim passa a representar o esforço que através do seu trabalho consegue subir o seu *status* social, permitindo-lhe ser “mais” na comunidade. Estas características permitem criar uma imagem de emigrante, este passa, através do seu trabalho, a ter outras condições económicas, mais abastadas, que lhe permitem, por exemplo, investir na educação dos filhos. Desta forma os filhos dos migrantes tendem a ter mais

oportunidades quer profissionais, quer sociais nas sociedades recetoras, permitindo assim aos jovens idealizar mais e melhor que os seus pais.

Como já explicitado o local onde estamos inseridos é modelador dos nossos valores e dos nossos objetivos, por isso os jovens migrantes tende a ter um projeto de vida mais mutável quando comparado com os jovens que cresceram e viveram sempre no mesmo local. Este fenómeno acontece devido às diferentes sociedades mundiais, pois os valores em todas elas são diferentes, garantindo assim que os objetivos de vida também sejam diferenciados. Por exemplo, um filho de emigrantes pode escolher que valores quer adotar para o seu futuro, pois tem como base duas sociedades distintas, que lhe permitem estabelecer objetivos mais amplos, pois pode escolher que caminho seguir segundo a sociedade com a qual mais se identifica. Os familiares aqui desempenham um importante papel, pois cabe-lhes a eles mostrar e adotar as diferentes tradições, hábitos e costumes de forma a expandir os horizontes aos jovens.

2 Estudo de Caso

2.1 Caracterização da escola em estudo

Para o desenvolvimento deste relatório e investigação, considera-se pertinente realizar uma breve caracterização da escola, onde se desenvolveu o estágio curricular, bem como, das duas turmas alvo de estudo.

O estágio foi realizado na Escola Básica Pêro Vaz de Caminha no Porto, no ano letivo de 2020/2021.

Figura 6- Escola Pêro Vaz de Caminha



Fonte: Site da Escola Pêro Vaz de Caminha

A Escola Básica Pêro Vaz de Caminha é a sede de Agrupamento de Escolas Pêro Vaz de Caminha. Este agrupamento é composto por quatro escolas de vários graus de ensino, nomeadamente pré-escolar, 1º ciclo, 2º Ciclo e 3º Ciclo (figura 4).

A escola sede, onde foi realizado o estágio, localiza-se na Rua da Telheira, Amial no concelho do Porto. Esta é servida por uma boa rede de transportes públicos (três linhas dos autocarros da STCP) e fáceis acessos rodoviários (Estrada da Circunvalação a 600 Metros e a VCI a 400 metros).

Figura 7- Localização das escolas do Agrupamento Pêro Vaz de Caminha



Fonte: Escola Pêro Vaz de Caminha

Quanto às instalações, a escola está dividida por pavilhões, cada um destinado às suas funções. Contém ainda uma cantina, sala de estudo, sala de música, sala de TIC e uma ampla biblioteca. Outro aspeto a ressaltar é o facto de a escola estar equipada com rampas, de modo a facilitar o acesso a alunos com dificuldades de mobilidade e cadeira de rodas, uma vez que a escola tem diversos alunos com necessidades educativas especiais que andam em cadeira de rodas.

Um aspeto de grande relevo é que a instituição integra o programa TEIP, pois grande parte dos alunos provêm de contextos familiares problemáticos e carenciados. Este programa visa as áreas economicamente e socialmente desfavorecidas, onde a

exclusão social, pobreza, abandono escolar, violência e indisciplina são muito comuns. Assim este programa visa combater estes problemas que levam ao insucesso escolar.

Quanto ao corpo docente, este é composto por diversos professores, de diversas áreas disciplinares, bem como vários agentes de ação social que estabelecem a ponte entre os professores, escola e encarregados de educação.

2.2 Metodologia

2.2.1 Caracterização da amostra

O estudo foi desenvolvido nas turmas de 3º Ciclo da professora orientadora cooperante.

Para a análise deste estudo foram selecionadas duas turmas, mais concretamente o 8ºK e o 9ºW. Deste modo a amostra é composta por 26 alunos, destes, 38% são da turma 8ºW e 62% do 9ºK (figura 8). Quanto à distribuição por sexos, o número de raparigas é bastante superior ao dos rapazes, 62% da amostra é do sexo feminino, enquanto que apenas 38% é do sexo masculino (figura 9).

Figura 8- Distribuição dos inquiridos por turma

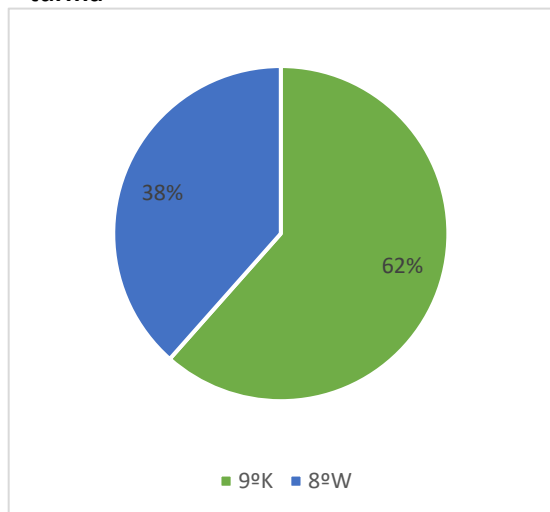
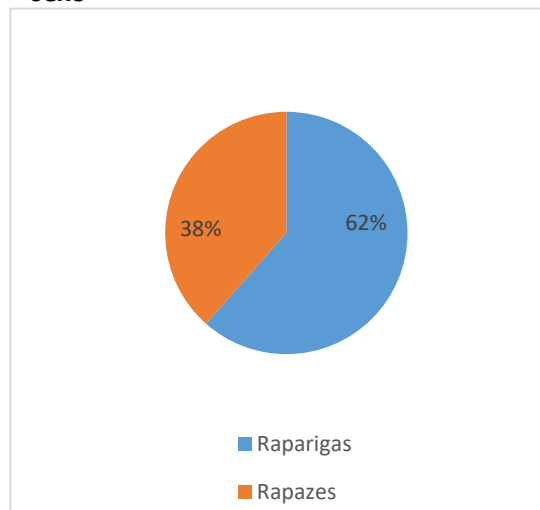
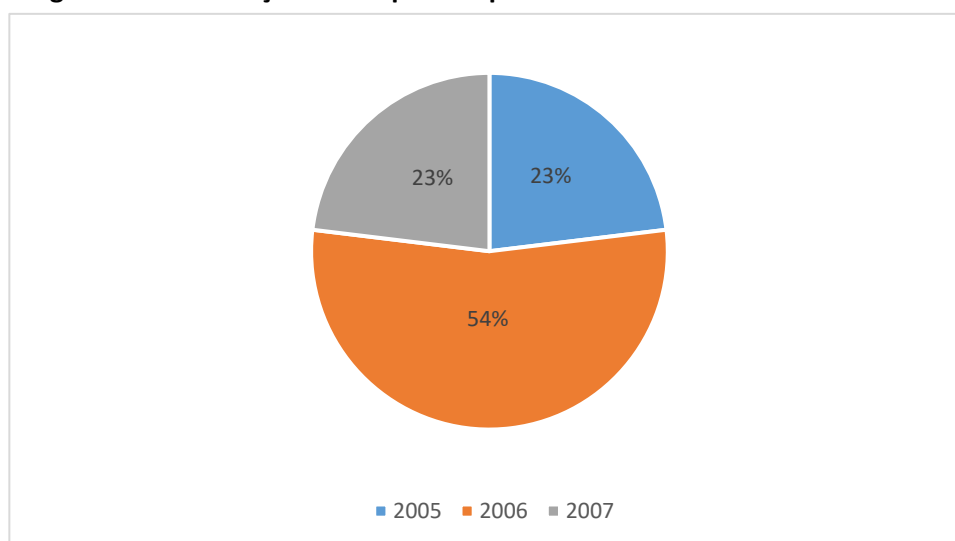


Figura 9- Distribuição dos inquiridos por sexo



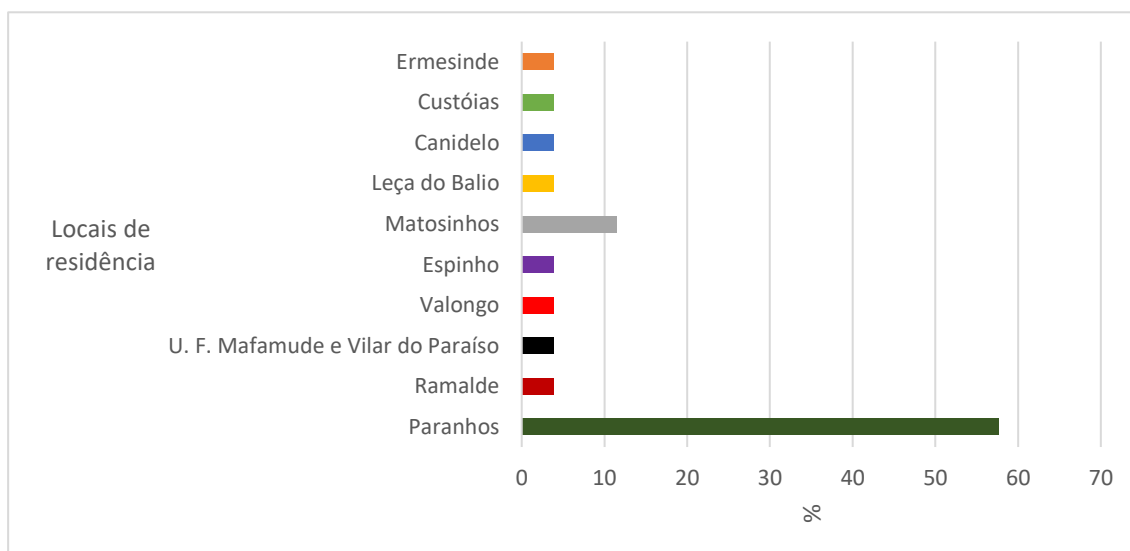
Quanto ao fator idade, a amostra tem jovens nascidos desde 2005 a 2007, uma vez que as turmas em análise são do 8º ano e 9º ano. Mais de metade dos inquiridos nasceu em 2006, tendo por isso 15 anos. Os nascidos em 2005 e 2007 representam 23% cada. A média de idades é 14,57 anos.

Figura 10- Distribuição dos inquiridos por ano de nascimento



No que diz respeito aos locais de residência (figura 11), cerca de 58% dos alunos reside na freguesia de Paranhos (freguesia onde se localiza a escola). Os restantes alunos residem em outras freguesias do Porto ou em freguesias envolventes a este concelho.

Figura 11- Locais de Residência dos alunos da amostra



2.2.2 Árvore Genealógica

A recolha de dados para posterior análise deu-se em dois momentos. O primeiro momento foi o preenchimento de uma árvore genealógica por cada inquirido.

Este passo tinha por objetivo que cada aluno realizar a árvore genealógica da sua família direta recuando duas gerações, ou seja, os bisavós, avós, pais, tios de sangue, primos de sangue e irmãos.

A base da árvore genealógica foi entregue aos alunos em forma de quadro de modo a ser mais fácil o seu preenchimento, era ainda acompanhada por uma pequena árvore modelo para ajudar na compreensão em caso de dúvidas (anexo 1).

Neste quadro era necessário preencher:

- Ano de nascimento do familiar;
- Local de nascimento (o mais pormenorizado possível);
- Local onde habita (o mais pormenorizado possível);
- Grau de escolaridade;
- Curso e local onde estudou;
- Profissão (atual e anterior).

A partir da informação recolhida, nos três primeiros pontos, foi possível estabelecer os movimentos que a família realizou ao longo dos anos, nomeadamente, no que toca ao local de residência. O primeiro ponto é essencial para conseguirmos localizar no tempo, de modo a perceber as possíveis motivações das deslocações. Quanto aos últimos três pontos estes podem ser um indicador das possíveis razões para as mudanças terem acontecido.

O preenchimento deste material deu-se em sala de aula para ser possível uma explicação mais pormenorizada e para esclarecer eventuais dúvidas aos alunos.

Um ponto a ressaltar é o facto de os alunos terem bastante dificuldade no preenchimento, pois não sabiam muita informação sobre os seus antepassados. Devido a este entrave, foi pedido aos alunos para levarem a árvore genealógica para casa e pedirem ajuda aos pais no seu preenchimento. Com a recolha do material foi possível verificar que mesmo assim, as informações relativas aos bisavós eram escassas e são poucos os alunos que conseguiram preencher esses campos.

2.2.2 Inquérito sobre o Projeto de Vida

Este foi o segundo momento de recolha de informação.

O inquérito sobre o Projeto de Vida tinha como objetivo perceber quais são as aspirações dos alunos quanto à sua escolarização e mobilidade para o futuro. Com estas informações é possível comparar os seus desejos com a realidade da família, ou seja, perceber se estes perspetivam permanecer com os familiares ou ponderam uma vida longe e diferente.

O inquérito foi realizado em Google Forms para facilitar o preenchimento e a análise de dados, uma vez que foi lançado durante o Ensino à distância.

Neste inquérito era questionado:

- Local de residência;
- Curso que pretendem seguir no ensino secundário;
- Se pretendem ir para a faculdade e razões justificativas;
- Curso a seguir na faculdade;
- Profissão que ambicionam ter;
- Outras possíveis profissões que trabalhariam;
- Se estavam dispostos a mudar de residência devido ao trabalho;
- Locais para onde se mudariam;
- Possibilidade de emigrar e para onde;
- Onde gostariam de residir;
- Objetivos de vida quando comparados com os pais.

Estes pontos abordam o futuro dos inquiridos e quais são as suas aspirações para o futuro. A partir deles é possível comparar se os seus objetivos são idênticos ou não à realidade que os familiares vivem.

3. Apresentação e análise dos resultados

Neste capítulo serão analisados os resultados obtidos no inquérito e na árvore genealógica. Os resultados obtidos foram tratados em Excel e serão apresentados graficamente acompanhados de uma pequena análise.

2.3 Análise da Árvore Genealógica

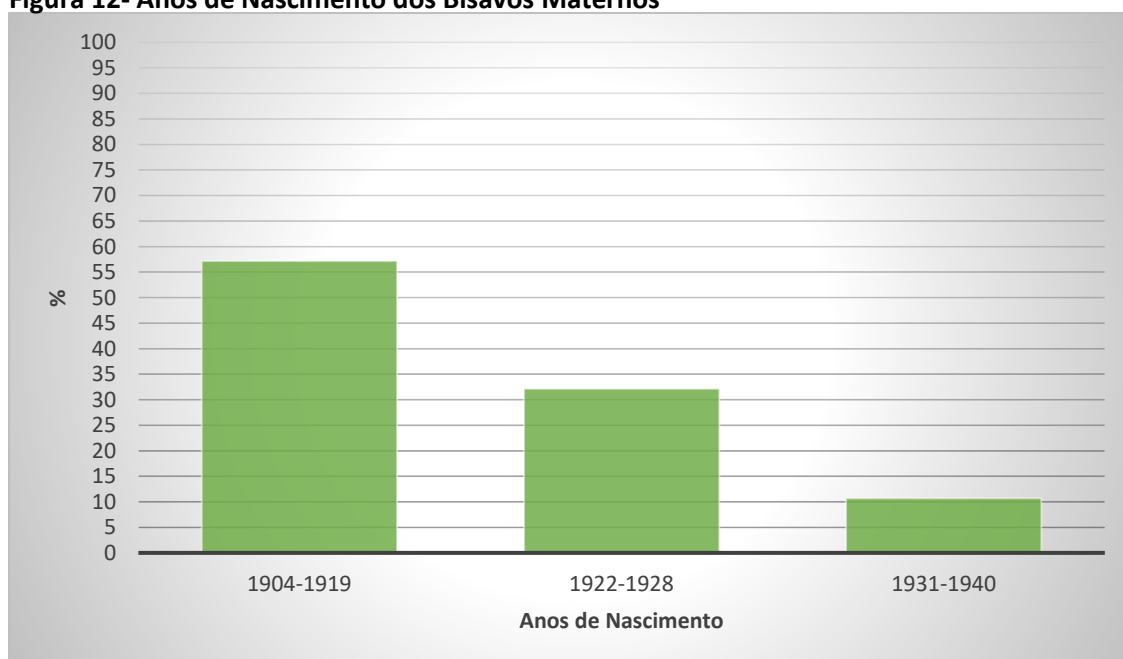
Aqui serão apresentados os gráficos referentes aos resultados das árvores genealógicas. Os resultados serão apresentados por gerações, ou seja, começará pelos bisavós, de seguida os avós, pais, tios e irmãos. Haverá também uma distinção entre o lado materno e paterno da família.

Os familiares dos quais foram recolhidos dados, representam a apelidada “família alargada”, aquela que, mais influência teve ou têm na vida e no modo de estar de cada membro.

2.3.1 Bisavós

Como referido anteriormente a amostra é composta por 26 alunos, assim sendo temos 208 bisavós, 104 do lado materno e 104 do lado paterno. Devido ao elevado número de familiares, foi dividido por família materna e paterna para ajudar na leitura e compreensão dos resultados.

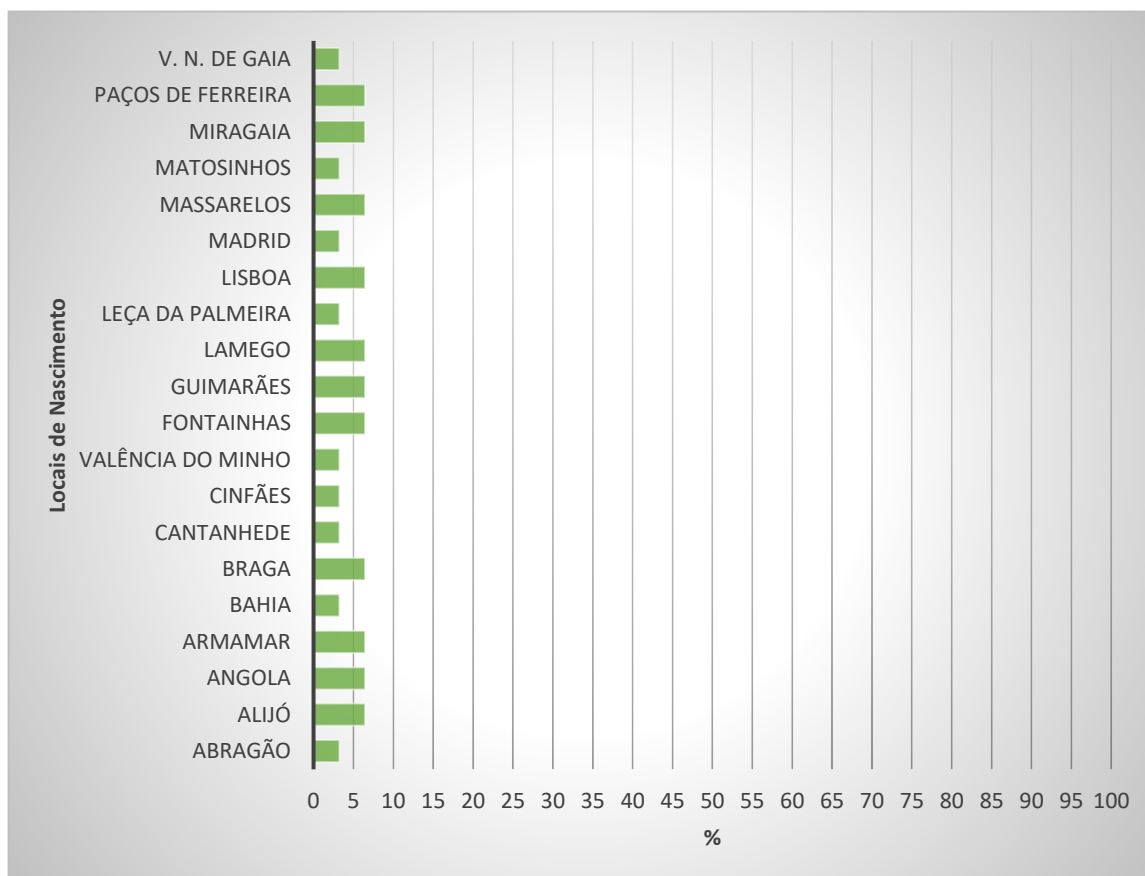
Figura 12- Anos de Nascimento dos Bisavós Maternos



Refira-se que cerca de ¼ dos inquiridos não foram capazes de enumerar a data, de nascimento destes familiares, nem qualquer outra da informação que era solicitada sobre estes, o que significa que a ligação e o conhecimento sobre esta geração são muito reduzidos. Este facto, pode, também, ser explicado pelo facto de muitos destes bisavós já terem falecido.

Dos dados que nos foram facultados, podemos verificar que grande parte dos bisavós maternos nasceram até ao final da década de 20 do século XX. O bisavô/bisavó mais novo tem atualmente 81 anos (figura 12).

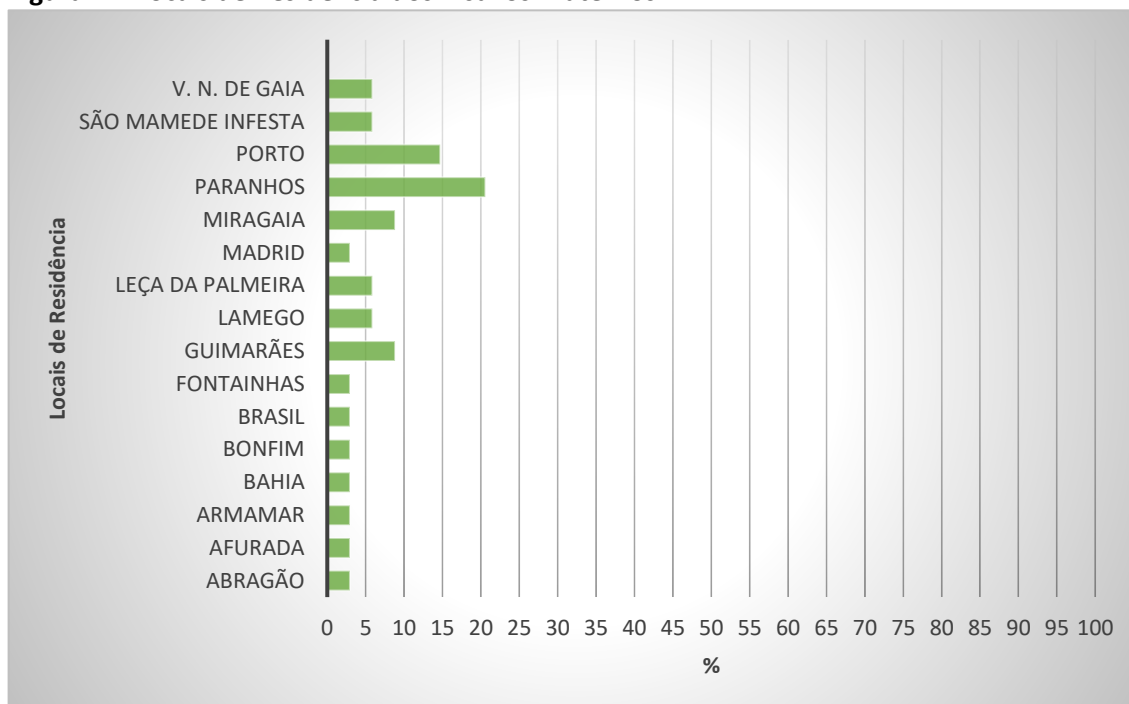
Figura 13- Locais de Nascimento dos Bisavós Maternos



Quanto aos locais de nascimento (figura 13), podemos salientar a existência de 3 bisavós maternos que nasceram fora de Portugal (Angola, Brasil e Espanha) e 48% nasceram em concelhos da Região Norte, como por exemplo, Penafiel, Braga, Alijó, Valência do Minho, Lamego, Guimarães, entre outros. Os nascidos no concelho do Porto são apenas cerca de 19%, existindo, ainda 10% que nasceram nos concelhos

vizinhos (Matosinhos e Vila Nova de Gaia). Quanto aos locais de residência (figura 14), podemos já constatar que houve uma migração dos locais de nascimento em direção ao Porto, por parte desta geração, uma vez que, como vimos, apenas 19% tinham nascido no Porto, agora vivem neste concelho cerca de 50% dos bisavós maternos, residindo nos concelhos limítrofes, cerca de 21%.

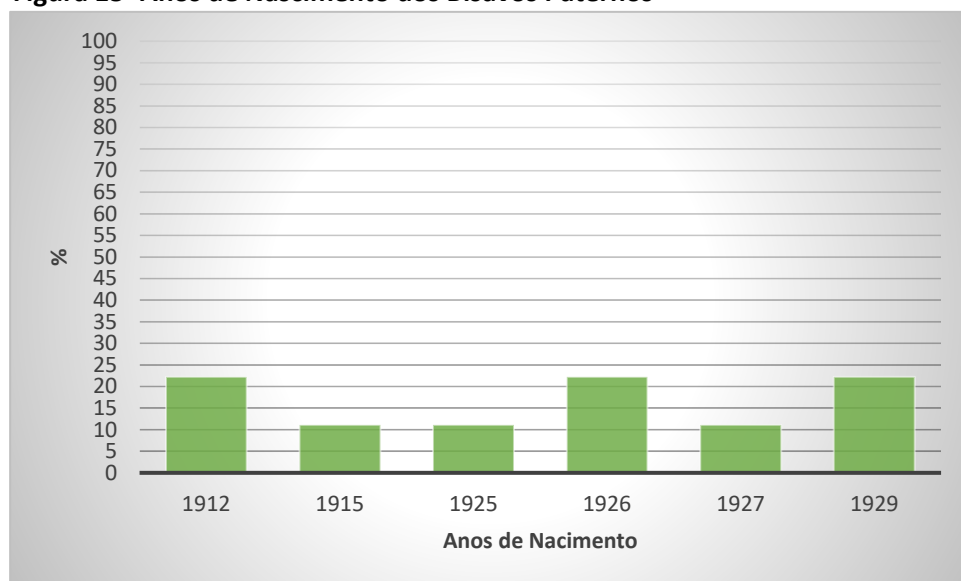
Figura 14- Locais de Residência dos Bisavós Maternos



No que refere aos bisavós paternos, também, os dados fornecidos são muito poucos, uma vez que, 80%-90% dos alunos não respondem, ou seja, não foram capazes de encontrar informação referente a este lado da família.

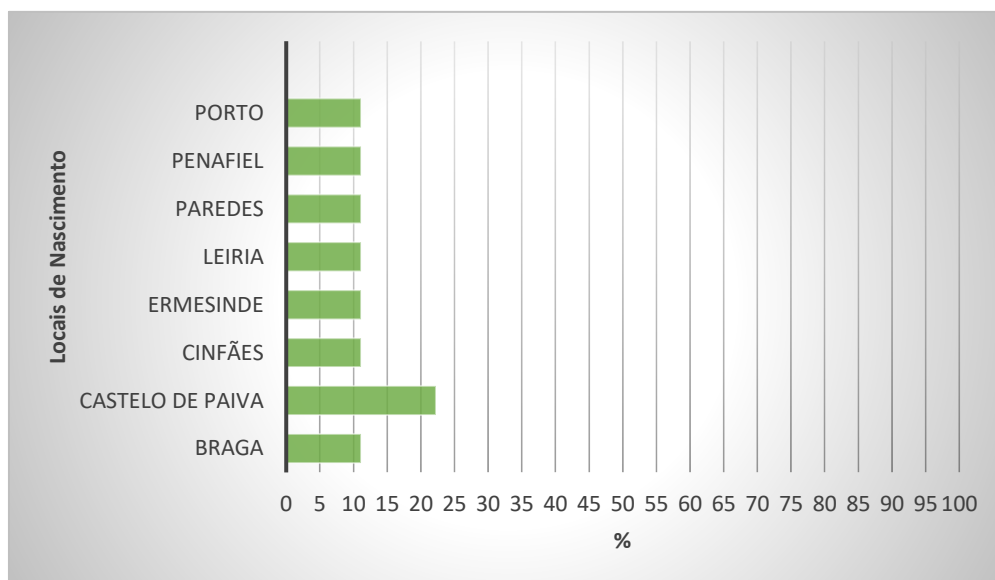
Quanto aos anos de nascimento dos bisavós paternos apenas nos foi possível coletar 9 familiares do universo de 104. Estes, tal como o lado materno nasceram sobretudo até à década de 20 do século passado (figura 15).

Figura 15- Anos de Nascimento dos Bisavós Paternos



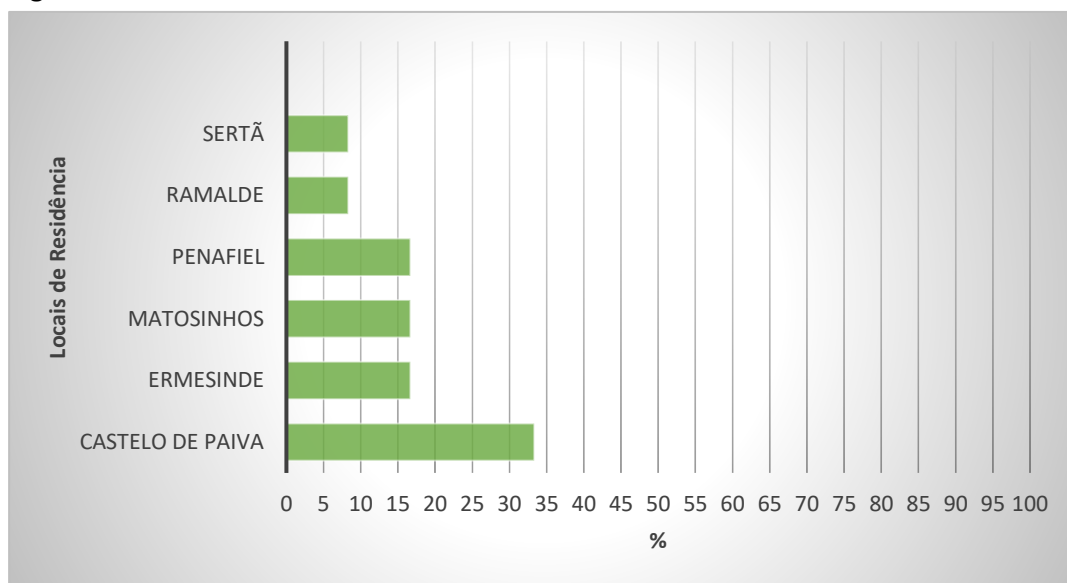
Relativamente ao local de nascimento (figura 16), verifica-se que estes, tal como os bisavós maternos, nasceram, sobretudo, em concelhos da Região Norte, como por exemplo, Penafiel, Paredes, Cinfães, Castelo de Paiva e Braga ou no Porto.

Figura 16- Locais de Nascimento dos Bisavós Paternos



Quanto ao local de residência, os bisavós paternos, tal como vimos para os bisavós maternos também, migraram do seu local de origem em direção ao Porto ou, concelhos vizinhos, à exceção de 1 caso que vive na Sertã (figura 17).

Figura 17- Locais de Residência dos Bisavós Paternos



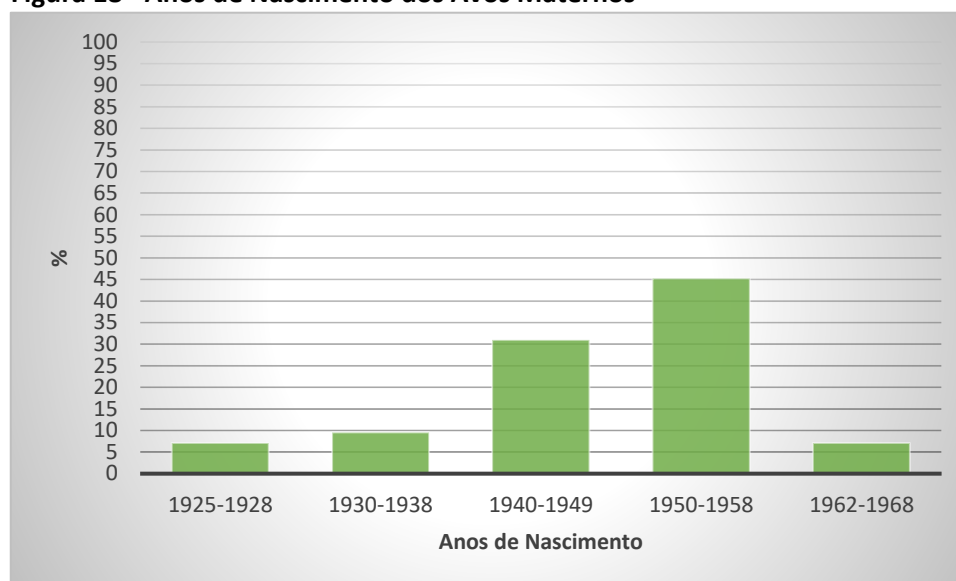
Como pudemos observar as informações relativas aos bisavós maternos e paternos são muito escassas, pelo que a sua análise fica muito limitada e pode não ilustrar bem a realidade da mobilidade desta geração.

2.3.2 Avós

Segundo a dimensão da amostra, existem 104 avós, sendo 52 do lado materno da e 52 do lado paterno. Nesta geração já nos foi possível reunir mais informação, pelo facto de grande parte destes avós ainda estarem vivos e por isso, os estudantes ainda terem contacto com eles.

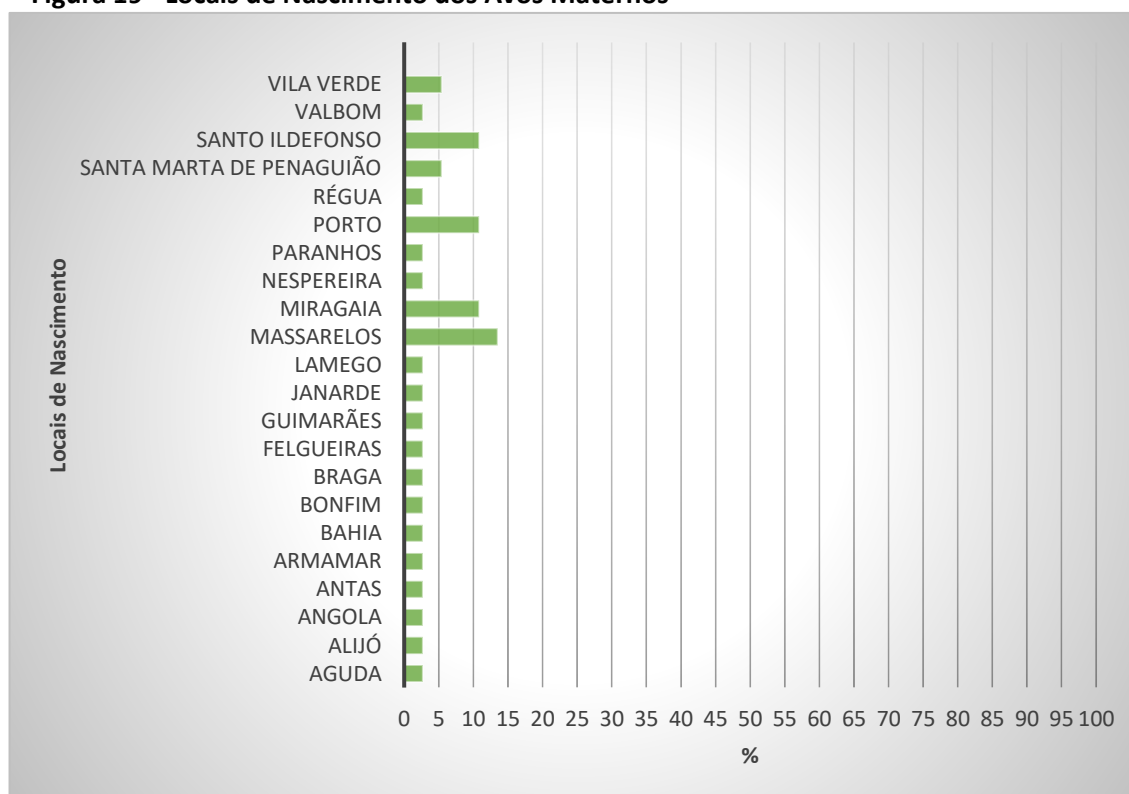
Analisando as datas de nascimento (figura 18) dos avós maternos, observa-se que cerca de 75% destes, nasceram nos anos 40 e 50 do século XX, por isso nos dias de hoje, estes têm entre 70-80 anos.

Figura 18 - Anos de Nascimento dos Avós Maternos



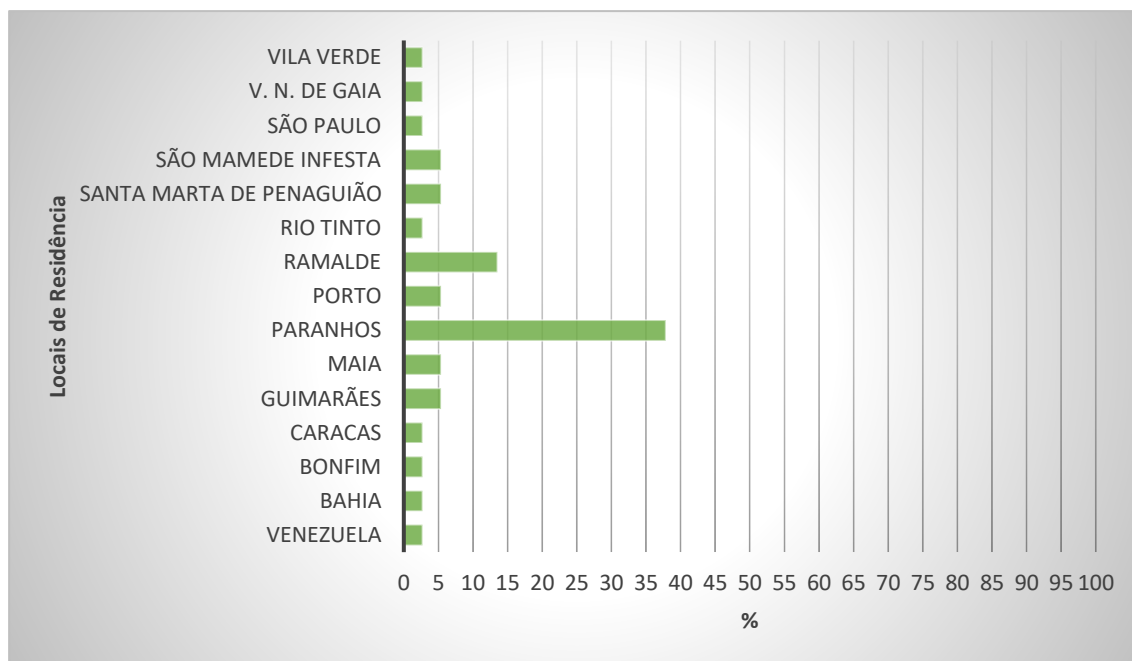
Quanto ao local de nascimento dos avós maternos (figura 19), verifica-se que cerca de 54% nasceram já no concelho do Porto, dado que, como vimos, os seus pais já tinham vindo residir para o Porto ou concelhos limítrofes. Quanto aos restantes, nasceram em locais da Região Norte, ou mesmo no estrangeiro (Angola e Brasil), tal como os seus progenitores.

Figura 19 - Locais de Nascimento dos Avós Maternos



Quanto aos locais de residência (figura 20) assistimos a uma mobilidade, cada vez maior em direção ao Porto, destacando-se a freguesia de Paranhos (local onde se localiza a escola) com cerca de 37% das respostas. Cerca de 16% dos avós maternos já vivem no Grande Porto. Quanto aos avós que vivem no estrangeiro, estes estão no Brasil e na Venezuela.

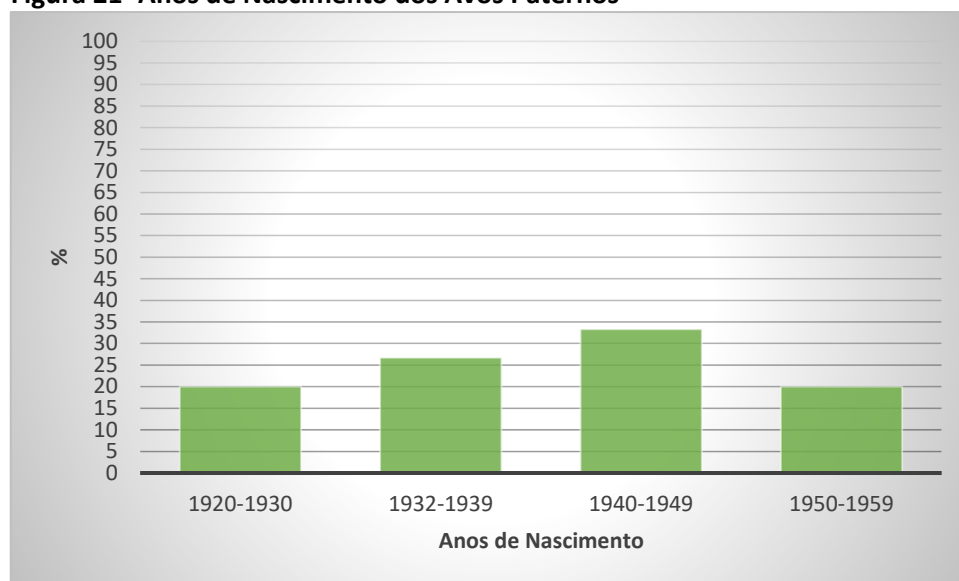
Figura 20- Locais de Residência dos Avós Maternos



Analisando os avós paternos, voltamos a observar, que tal como nos bisavós paternos, temos um peso significativo de não respostas, cerca de 40-45%.

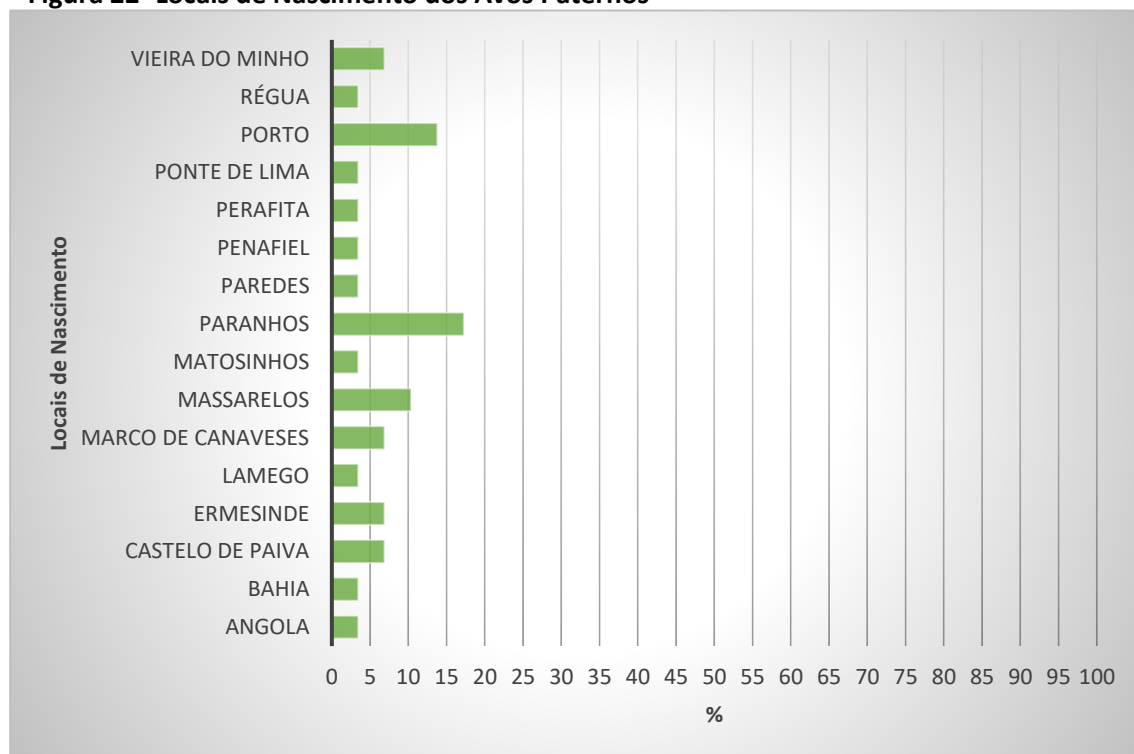
Quando analisamos os anos de nascimento dos avós paternos (figura 21) estes nasceram sobretudo nos anos 40 e 50 do século passado (cerca de 53%) e 20% nasceram nos anos 20 do século XX.

Figura 21- Anos de Nascimento dos Avós Paternos



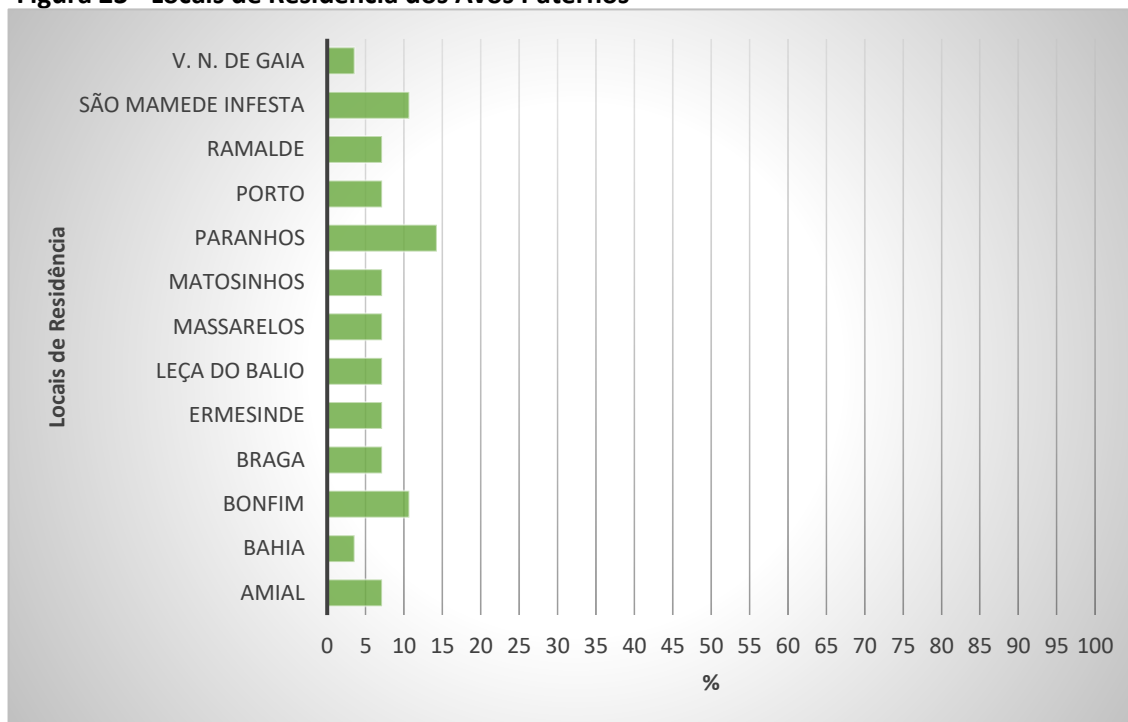
Tal como os avós maternos, os avós paternos, também, já nasceram sobretudo nos concelhos que atualmente fazem parte da AMP (cerca de 48%) uma vez que os seus ascendentes já aqui residiam, como vimos acima. Os restantes nasceram em concelhos mais rurais, da Região Norte (figura 22).

Figura 22- Locais de Nascimento dos Avós Paternos



Quanto aos locais de residência, o Porto concentra cerca de 54%, das respostas, enquanto os restantes, residem nos concelhos periféricos, à exceção de Braga (figura 23).

Figura 23 - Locais de Residência dos Avós Paternos



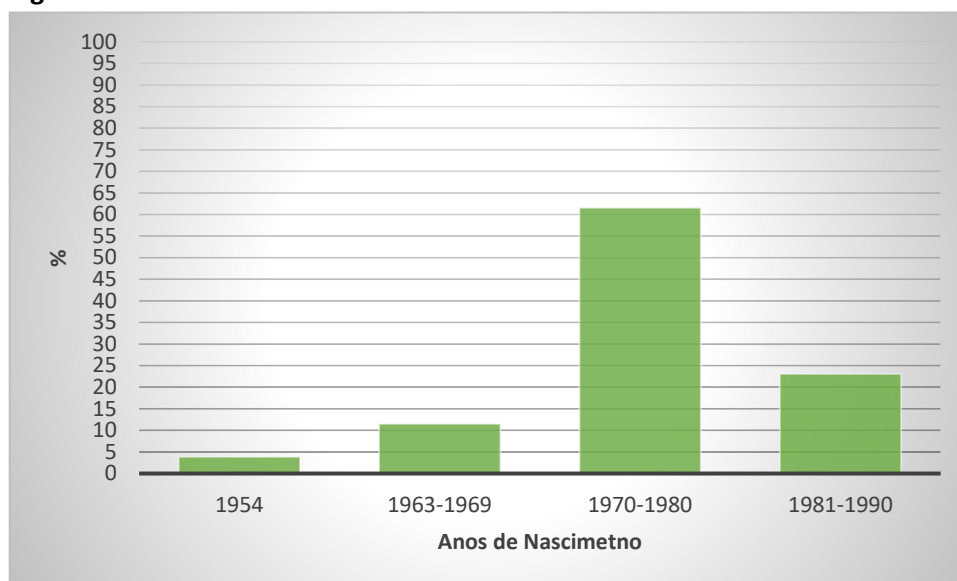
2.3.3 Pais

A amostra é composta por 26 alunos, portanto em análise estarão 52 pais. A apresentação de resultados está dividida também por lado materno e paterno.

Ao contrário do que aconteceu, para as gerações anteriores, como seria expectável, temos mais respostas, sendo poucos os alunos que não respondem.

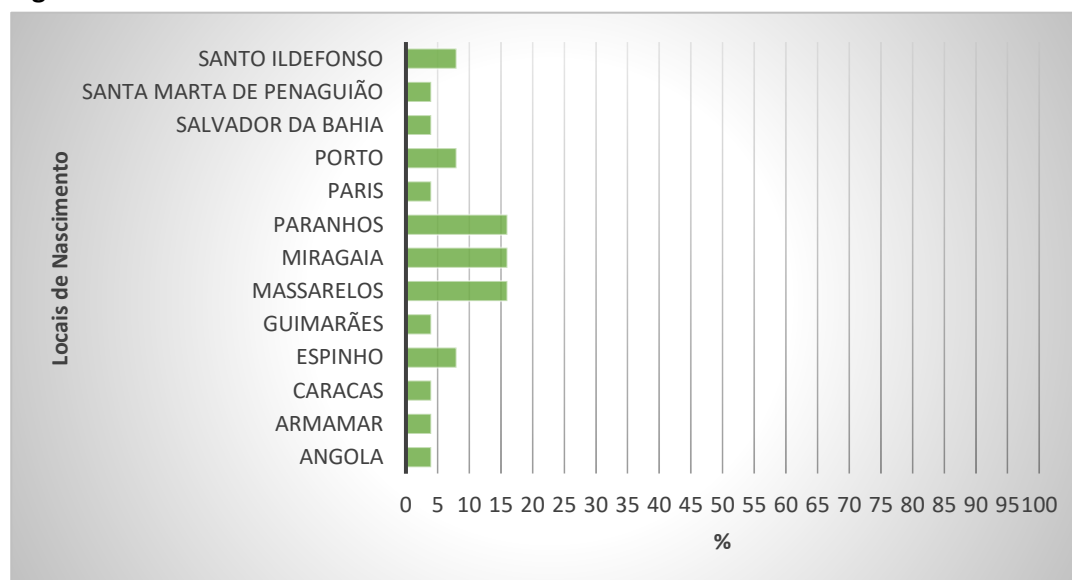
A figura 24 representa as datas de nascimento das mães, a partir desta é possível observar que cerca de 85% das mães nasceram entre 1970 e 1990, ou seja, têm entre 31 e 51 anos de idade. Contudo, existem algumas mães, mais velhas, com idades entre 52 e os 62 anos.

Figura 24- Datas de Nascimento das Mães



Quanto aos locais de nascimento das mães, 64% nasceram no concelho do Porto, uma vez que, os seus progenitores já residiam neste concelho, como vimos anteriormente. Cerca de 16% das mães nasceram no estrangeiro, dado que os seus progenitores para aí emigraram, tendo aquelas imigrado para o país de origem dos seus pais. Existindo, ainda, 3 que nasceram em concelhos fora da AMP (figura 25).

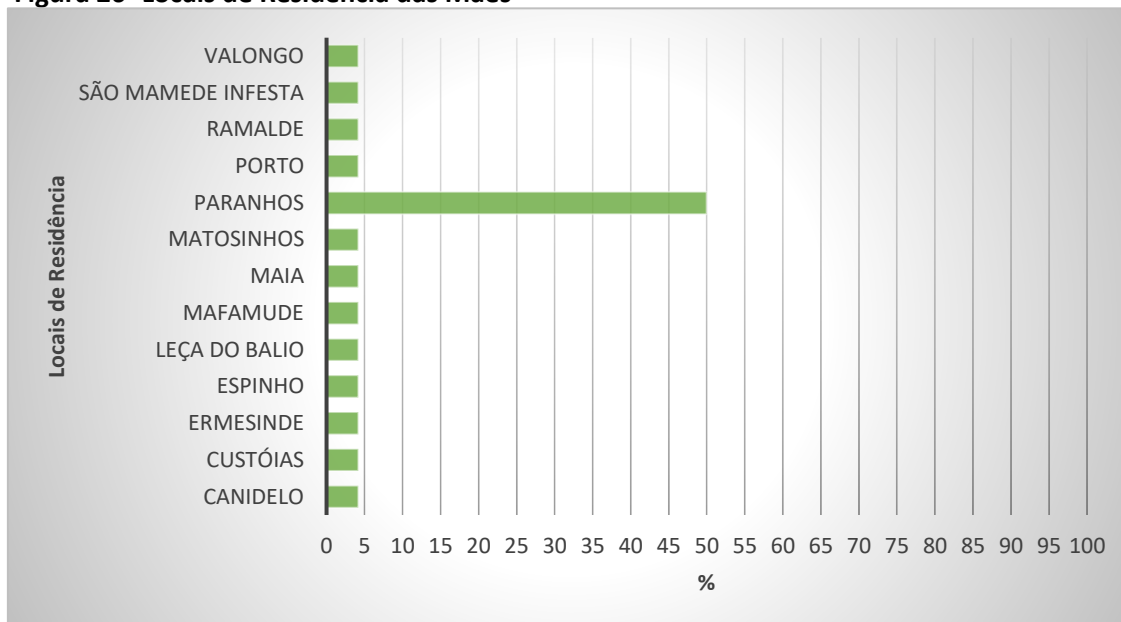
Figura 25- Locais de Nascimento das Mães



Quando analisamos os locais de residência (figura 26) destaca-se a freguesia de Paranhos, onde se localiza a escola, representando cerca de 50%. Situação que nos

leva a concluir, que esta geração mantém a sua residência na proximidade dos seus progenitores, uma vez que estes também residem nesta freguesia.

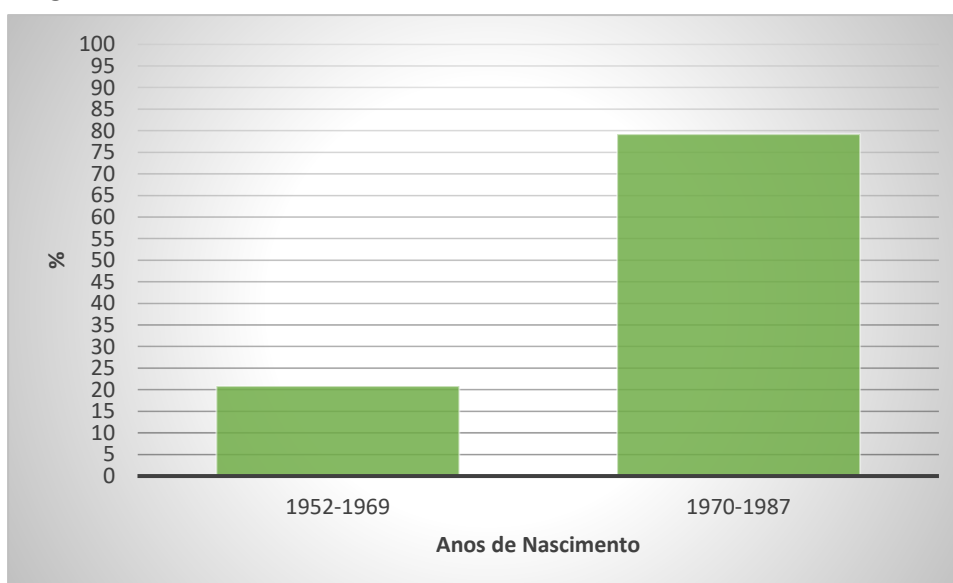
Figura 26- Locais de Residência das Mães



O número de não resposta para os pais, comparativamente com o das mães, é ligeiramente menor.

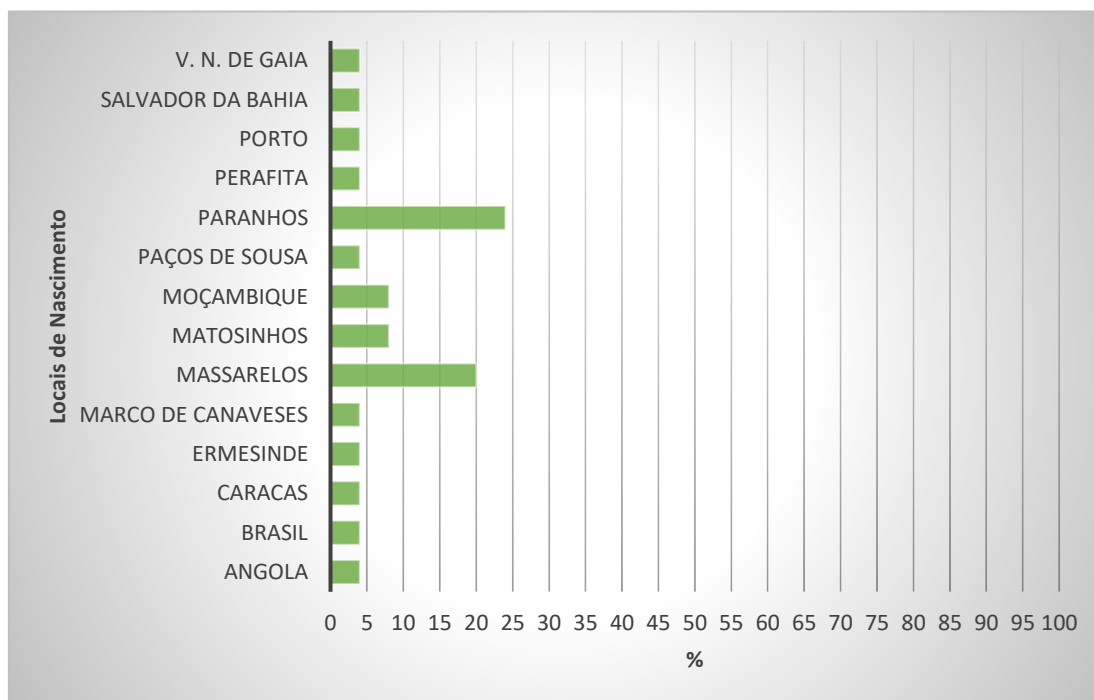
Os pais, tal como nas mães, nasceram sobretudo entre a década de 70 e 80 do século passado. A única exceção, são os pais que nasceram entre 1952 e 1969, sendo, portanto, um pouco mais velhos que a maioria (figura 27).

Figura 27- Anos de Nascimento dos Pais



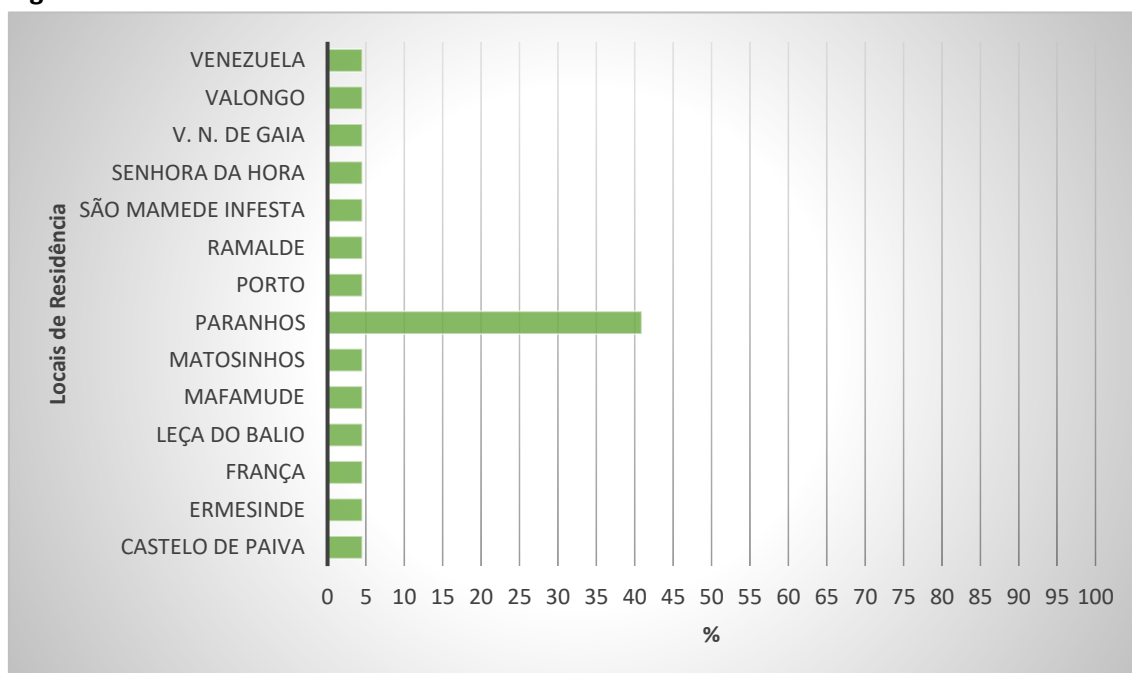
No que se refere aos locais de nascimento (figura 28), o concelho do Porto representa 48% dos locais onde nasceram os pais. Existindo, cerca de 24% que nasceram no estrangeiro, ou seja, imigraram ou retornaram (caso, por exemplo, dos nascidos em Angola e Moçambique) para Portugal. Os restantes nasceram nos concelhos periféricos do Porto.

Figura 28- Local de Nascimento dos Pais



No que concerne ao local de residência (figura 29), 50% dos pais residem no Porto, tal como os seus progenitores, sendo que destes, 41% residem em Paranhos. Esta situação, tal como vimos para as mães, indicia uma preferência por residir próximo dos seus ascendentes. Dos locais de residência referidos pelos alunos, 36% deles, localizam-se nos concelhos limítrofes do Porto. Sendo ainda de salientar que existem alguns pais que se encontram emigrados.

Figura 29- Locais de Residência dos Pais



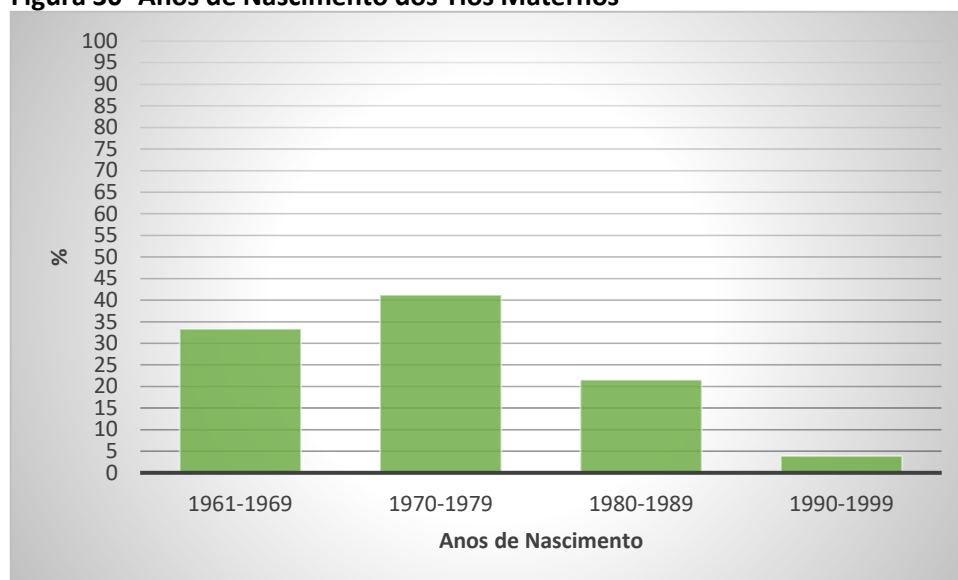
3.1.4. Tios

O número de tios representados corresponde a 56 tios do lado materno e 43 do lado paterno. Um ponto a sublinhar é que estes tios são todos tios de sangue, ou seja, são os irmãos ou irmãs dos pais dos alunos.

Mais uma vez, temos um número significativo de não respostas, pois como relatado por muitos alunos, estes perderam o contacto com os tios, quer por morarem longe, quer porque a família separou-se devido a problemas familiares.

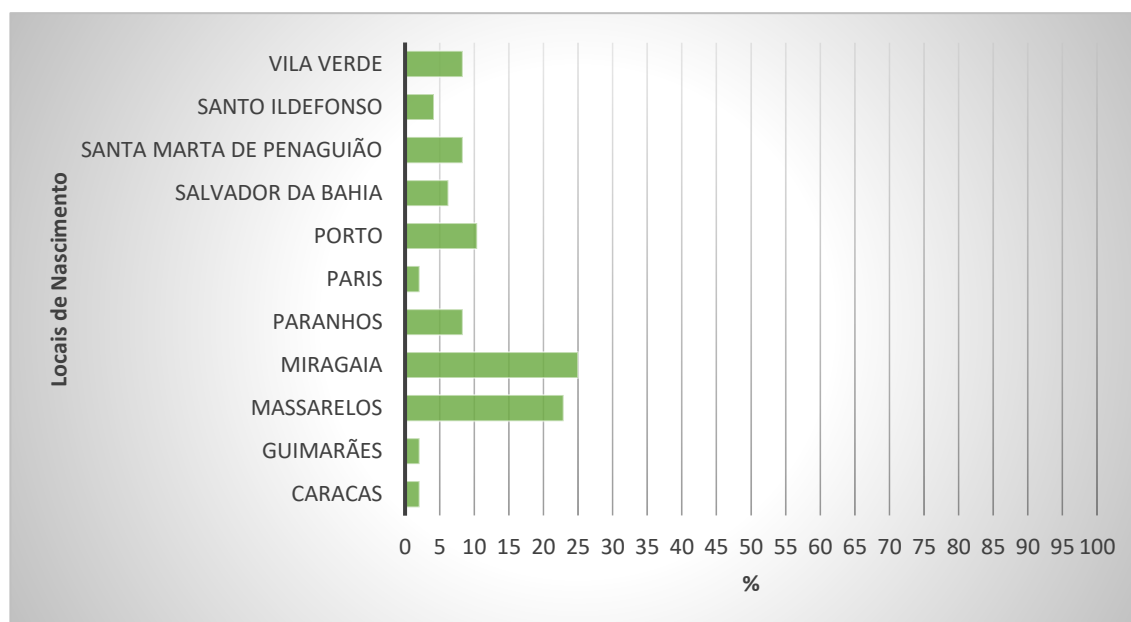
No que se refere aos tios maternos, estes nasceram entre os anos 60 e o final dos anos 90 do século passado, ou seja, temos um grande intervalo de idades, compreendidas entre os 22 e os 60 anos (figura 30).

Figura 30- Anos de Nascimento dos Tios Maternos



Na figura 31 é retratado os locais de nascimento dos tios maternos. Podemos observar, que tal como as mães mais de metade (cerca de 71%) dos tios nasceram já no concelho do Porto. Quanto aos nascidos no estrangeiro, estes representam cerca de 10%.

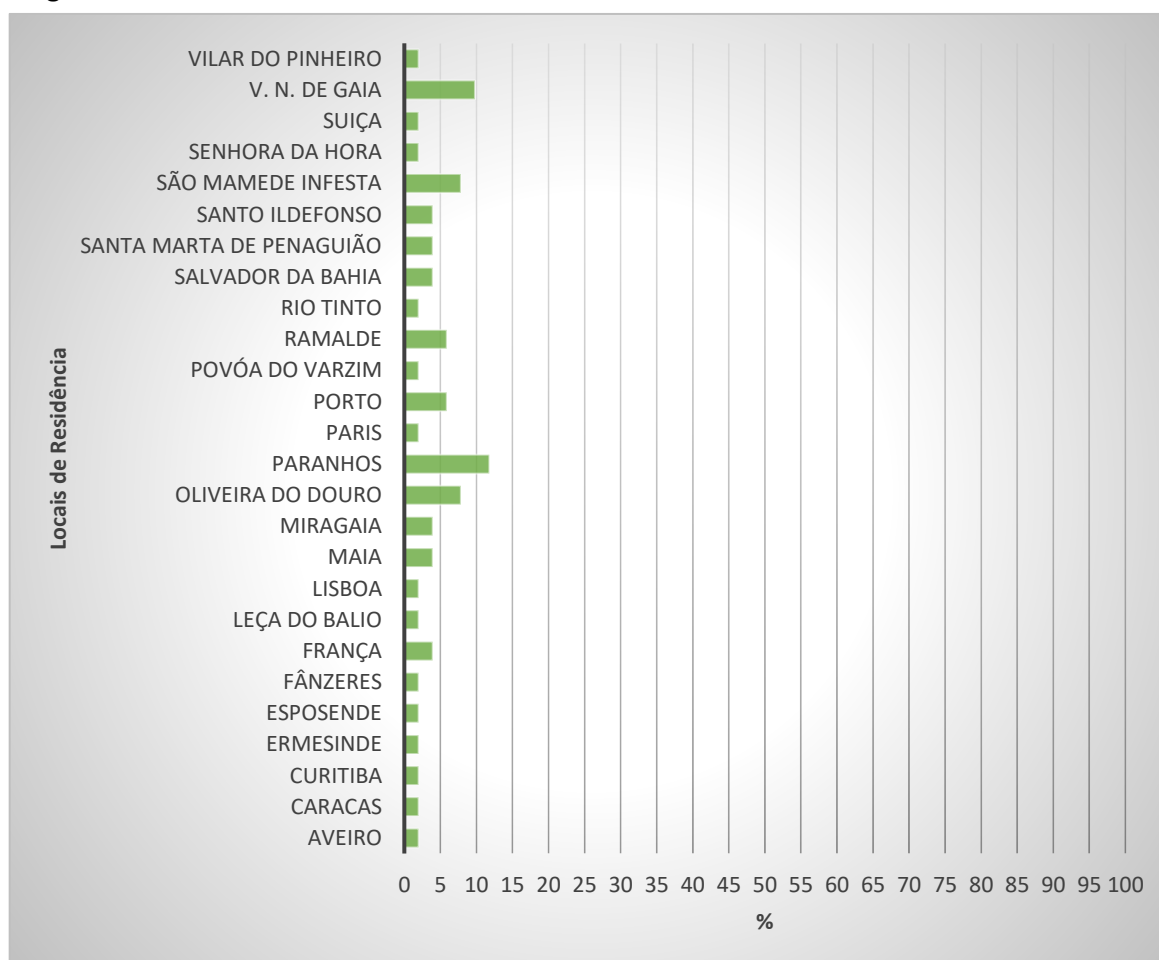
Figura 31- Locais de Nascimento dos Tios Maternos



Quanto aos locais de residência (figura 32), estes variam muito e surgem novos locais. Este facto é explicado devido, por exemplo, aos casamentos, pois muitas vezes após o matrimónio os novos casais optam por novos locais para morar e começar a nova vida, próximo dos seus locais de trabalho, ou onde, a facilidade em encontrar casa é maior, afastando-se, assim, da sua família.

Na AMP vivem cerca de 68% dos tios maternos e destes cerca de 29% vivem no município do Porto, ou seja, apesar de terem nascido no Porto e mudado de residência, nunca se afastaram muito deste centro urbano. Podemos também ressaltar os 14% que vivem fora do nosso país, pois estão emigrados devido ao trabalho.

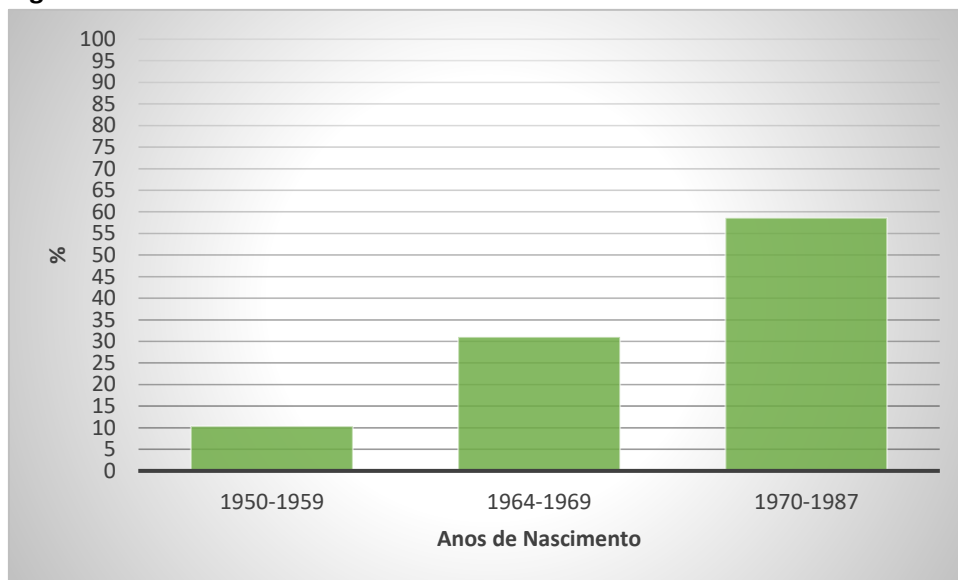
Figura 32- Locais de Residência dos Tios Maternos



No que respeita aos tios paternos, a amostra contabilizou 43 tios diretos.

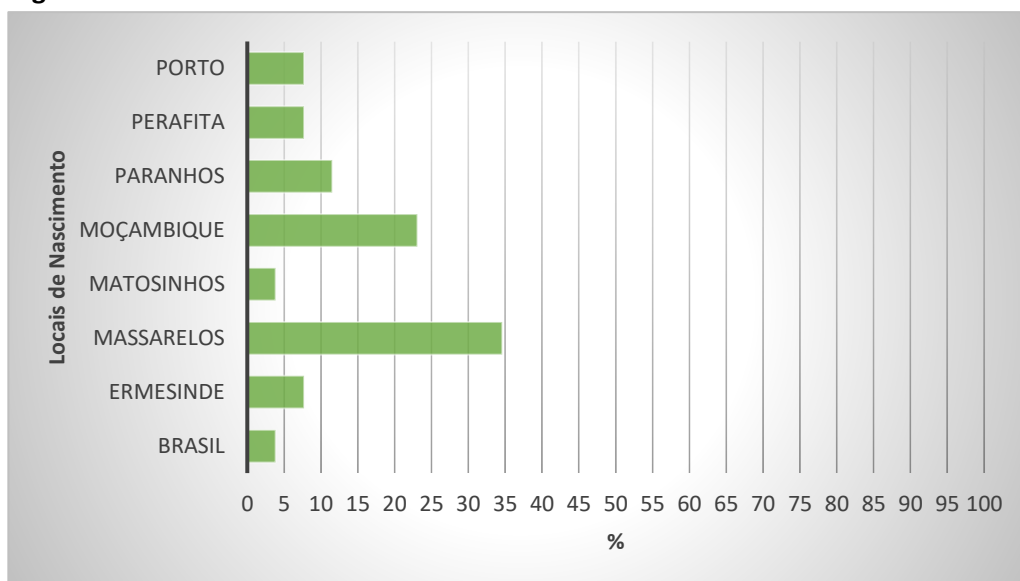
Os tios paternos são de uma forma geral mais velhos que os maternos. As suas idades compreendem-se entre os 71 anos e os 34 anos (figura 33).

Figura 33- Anos de Nascimento dos Tios Paternos



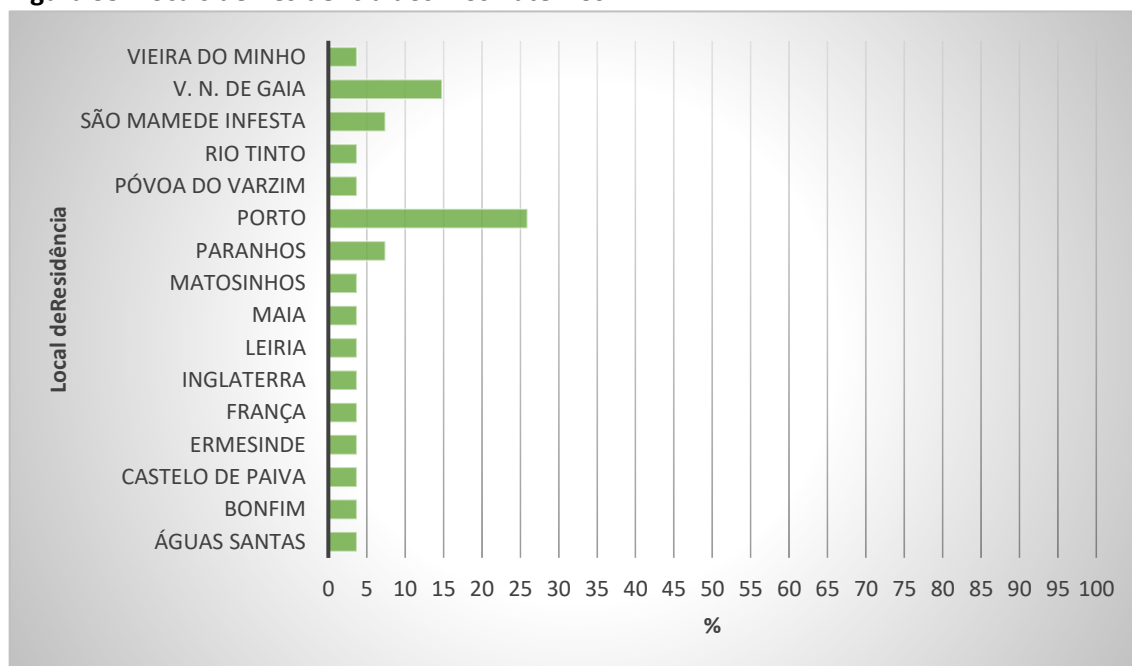
No que respeita às respostas obtidas, foi possível identificar um grande número de nascimentos no Porto e concelhos vizinhos (cerca de 73%) (figura 34), existindo, ainda, alguns que nasceram em Moçambique.

Figura 34- Locais de Nascimento dos Tios Paternos



Tal como sucedidos com os tios maternos, existe uma diversificação dos locais de morada dos tios paternos. Cerca de 82% dos residem na AMP, sendo que destes 37% moram no Porto. Cerca de 7% dos 43 tios paternos vivem fora de Portugal (figura 35).

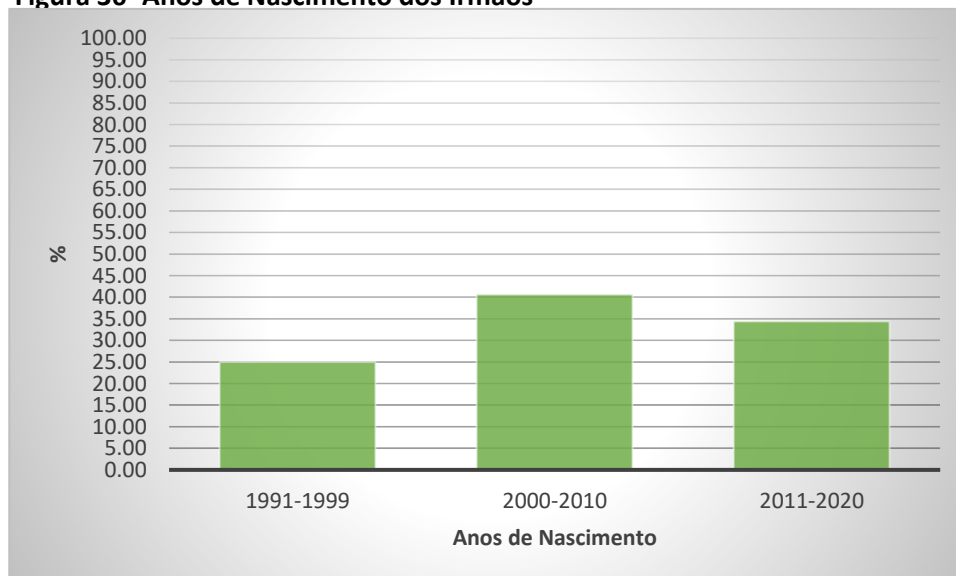
Figura 35- Locais de Residência dos Tios Paternos



2.3.4 3.1.5. Irmãos

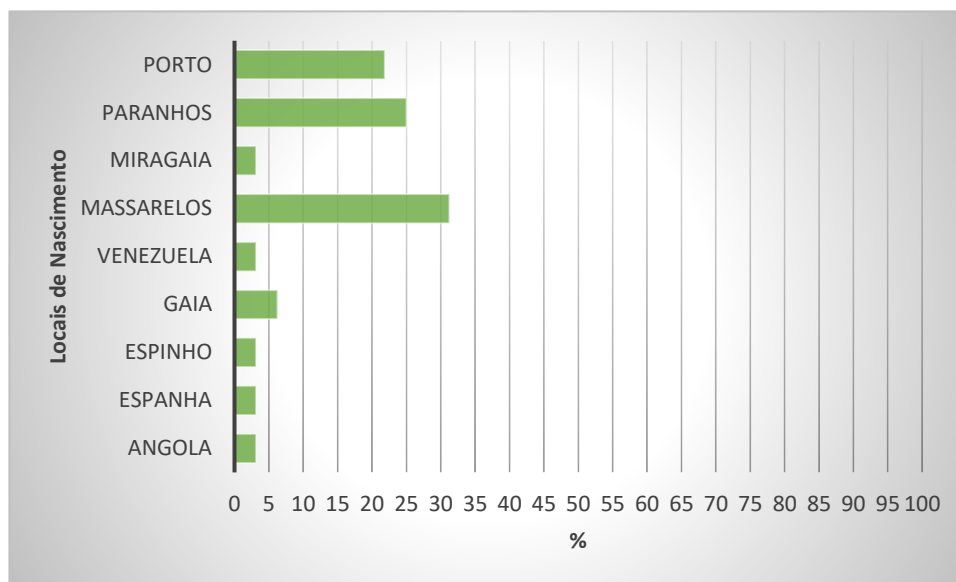
A amostra conta com 36 irmãos no total, sendo que a média de irmãos é de 1,4 por cada estudante. O máximo e o mínimo de irmãos da nossa amostra é 6 e 0 respetivamente.

Figura 36- Anos de Nascimento dos Irmãos



No que toca à data de nascimento dos irmãos (figura 36) é possível compreendê-la entre os anos 90 do século XX e o ano transato. Cerca de 53% dos 37 irmãos está ainda em idade escolar e cerca de 34% já tem mais de 18 anos.

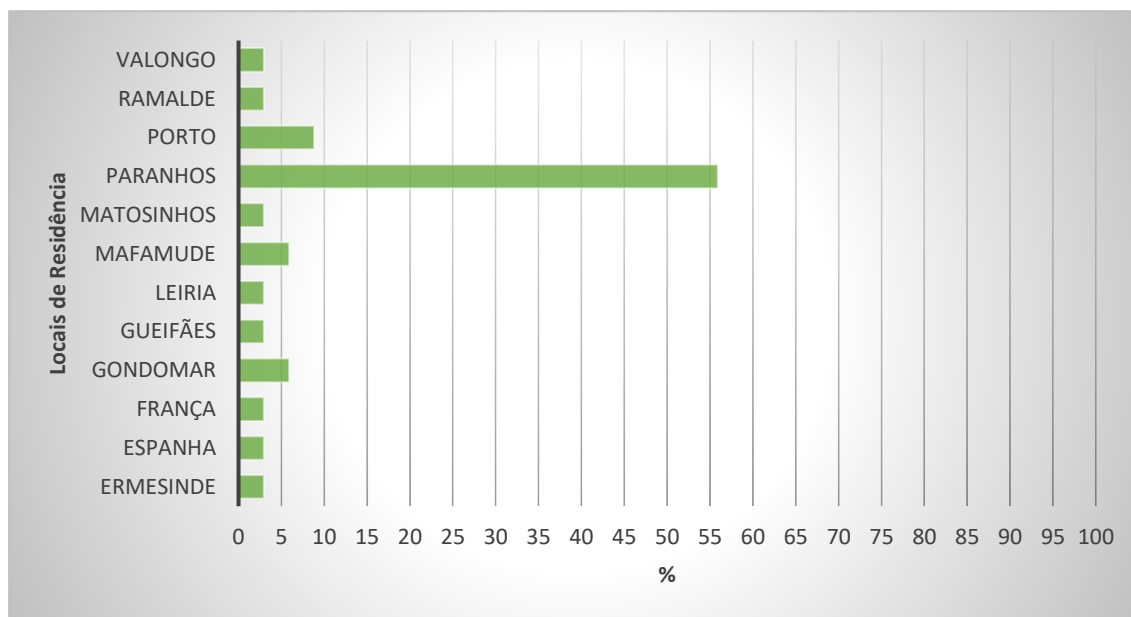
Figura 37- Locais de Nascimento dos Irmãos



Como seria de esperar, uma vez que a maioria dos pais residem no Porto, como vimos acima, a maioria dos irmãos, nasceram nesta cidade, sendo poucos os que nasceram fora de Portugal cerca de 9% (figura 37).

No que diz respeito aos locais de residência dos irmãos, destaca-se, a freguesia de Paranhos (56%), como era previsível, dado que a maioria ainda é menor e vive com os pais. Os restantes locais que surgem localizam-se de uma forma geral nos concelhos limítrofes do Porto, com a exceção de Espanha e França, ou seja, neste último temos uma situação de emigração (figura 38).

Figura 38- Locais de Residência dos Irmãos



Em síntese, podemos constatar que uma parte das gerações mais velhas (bisavós e avós), saíram dos seus locais de origem, sobretudo de concelhos da Região Norte, em direção ao Porto, ou concelhos limítrofes a este. Existindo, também, alguns que se encontram, emigrados. Situações, vividas por muitos portugueses, como vimos no capítulo 1.

Constamos, ainda que, a mobilidade das gerações mais velhas, foi maior, do que a das gerações mais novas (nomeadamente dos pais), uma vez que, a maioria destes, nasceram e residem no Porto ou nos concelhos limítrofes.

Será que os alunos, no seu projeto de vida futura, também perspetivam vir a mudar para outros locais, tal como alguns dos seus antepassados fizeram?

2.4 Inqueritos sobre o Projeto de Vida

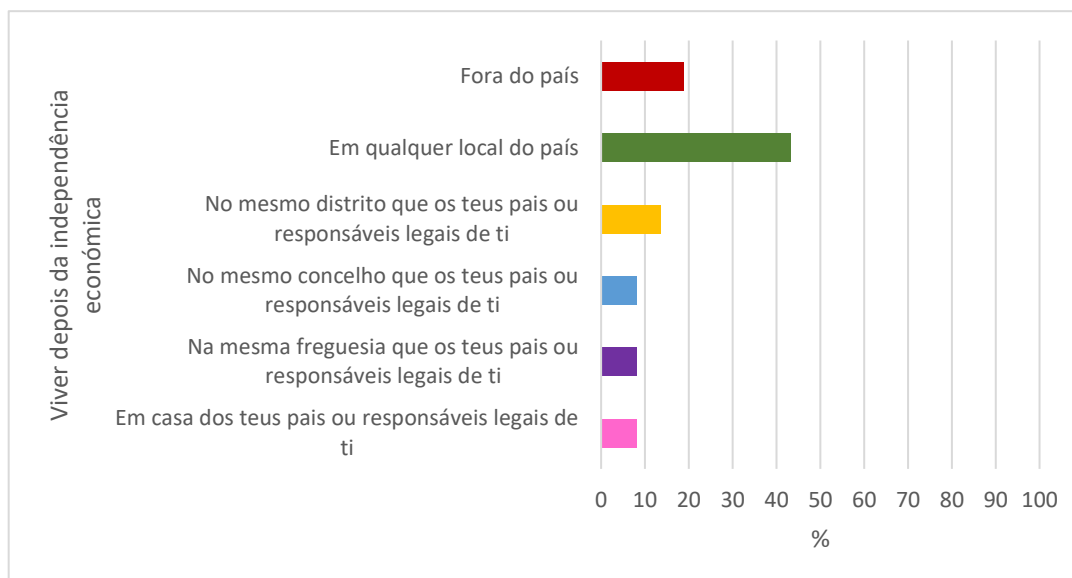
Como referido no capítulo 1, o projeto de vida é algo mutável e influenciado pelas pessoas que nos rodeia, dessa forma a família é o primeiro agente na mutabilidade, pela proximidade e influência que exerce no jovem.

Neste subcapítulo irão ser apresentados os resultados obtidos ao inquérito sobre o projeto de vida dos alunos pertencentes à nossa amostra.

À pergunta “Quando atingires a tua independência económica onde pretendes viver”, cerca de 44% dos inquiridos afirmam que iriam viver para qualquer local do país. Cerca de 24% declaram que emigrariam após a independência económica. Por outro lado, cerca de 8% da amostra reitera que mesmo após a independência monetária pretendem continuar a viver com os pais (figura 39).

Chama-se à atenção para o facto de que cada estudante podia seleccionar mais que uma opção.

Figura 39- Locais onde os estudantes pretendem viver após a sua independência económica



À questão “Caso não encontres emprego na tua área de residência estarias disposta a trabalhar noutro local de Portugal”, 88% da amostra afirmou que sim. (figura 40).

Para complementar a questão anterior foi questionado para que locais se deslocariam. Aqui cerca de 40% afirmou estar disposta a dirigir-se para qualquer local do país, seguido pelo local o mais próximo possível da família (23%), mantendo, neste caso, o contacto e a relação com a sua família (figura 41).

Figura 40- Disposição para trabalhar noutro local de Portugal

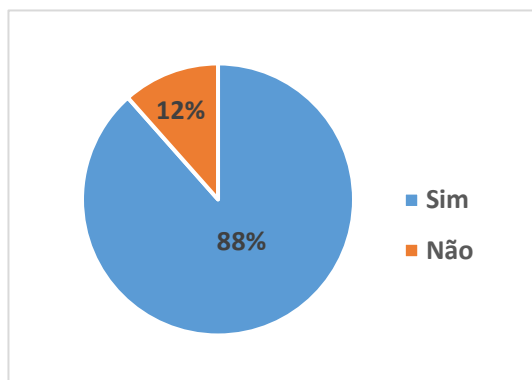
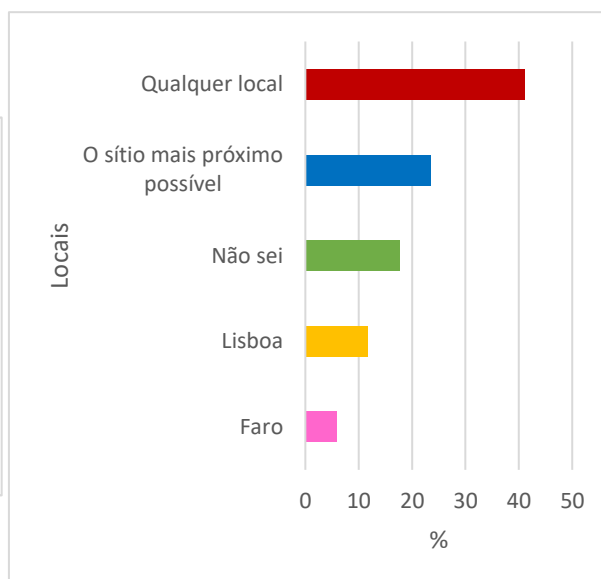
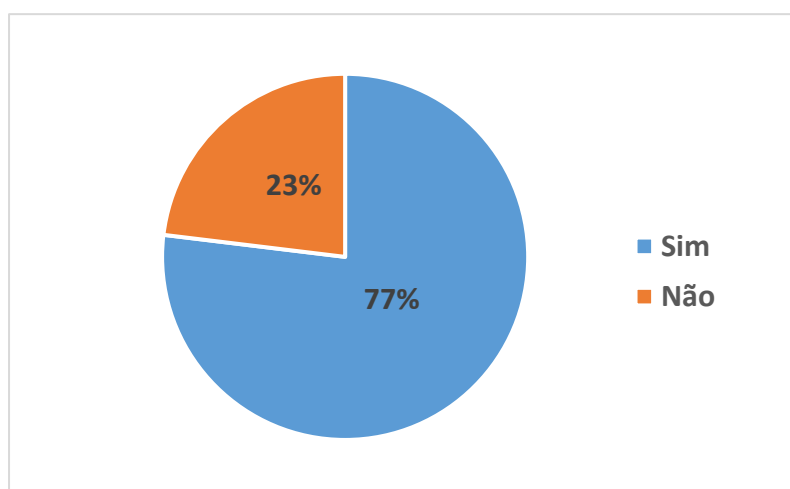


Figura 41- Locais para onde iriam residir



Ao item “Caso não encontres emprego na tua área de residência estarias disposto a emigrar”, a percentagem em comparação com a pergunta anterior diminui, passam a ser 77% que emigrariam (figura 42). Esta diminuição, pode ser justificada pela maior distância que passaria a existir entre a família, sendo mais difícil manter um contacto mais frequente com a mesma.

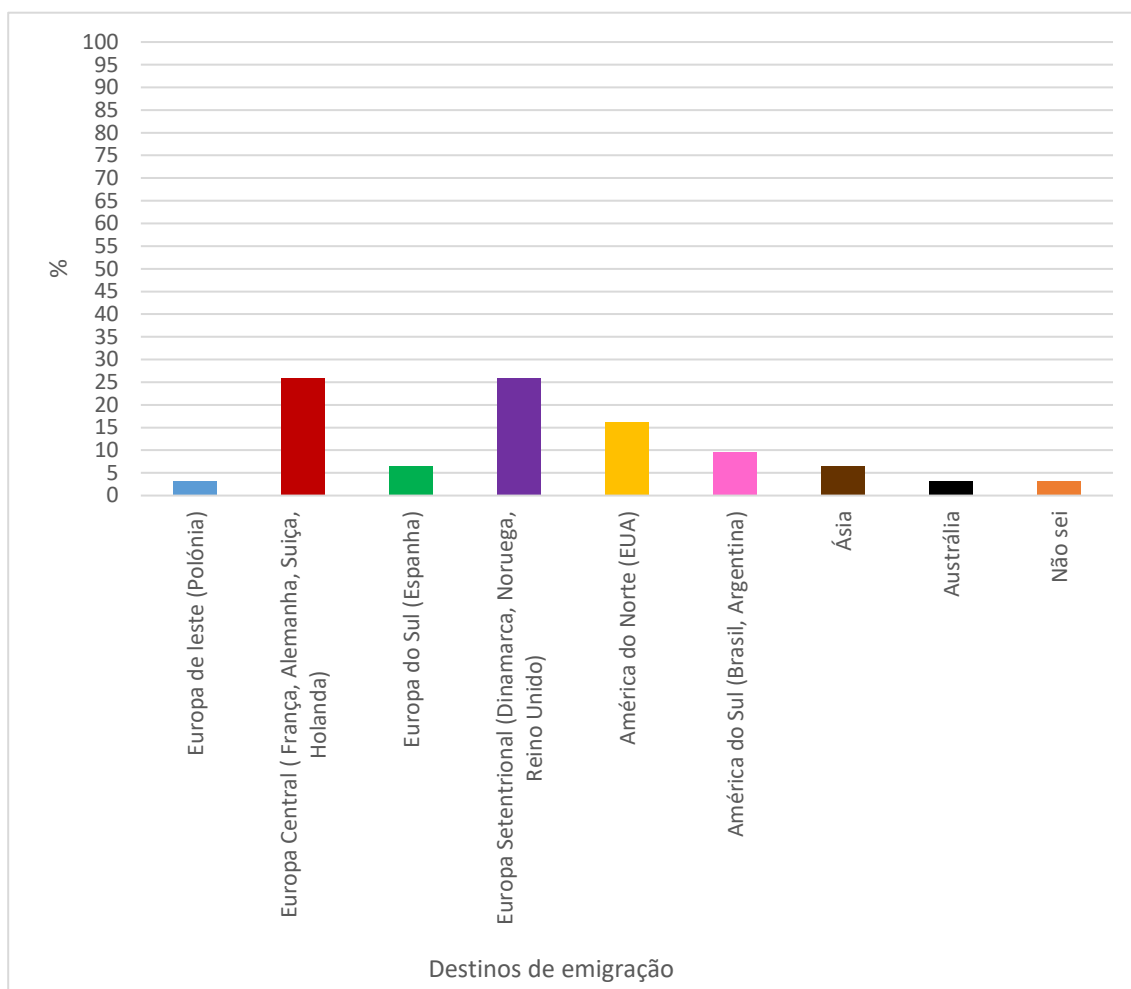
Figura 42- Disposição para emigrar



Quanto à questão, para que países estavam dispostos a emigrar, as respostas obtidas foram muito diversas (figura 43). No entanto, são referidos, sobretudo os destinos na Europa, devido tanto a maior proximidade, mas também devido à cultura semelhante. Esta escolha, poderá, também, ter sido influenciada pela matéria lecionada na disciplina de geografia, uma vez que as migrações são um tema muito presente nos programas desta disciplina. Situação, que, pode explicar a preferência pelos países da Europa Central, ou mesmo o Brasil ou os Estados Unidos, que seguem o padrão dos ciclos migratórios portugueses mais antigos, salientando-se, igualmente, os novos destinos, do ciclo migratório mais recente, como a Noruega e a Dinamarca. Também, não podemos deixar de realçar, que alguns dos destinos selecionados, coincidem com os dos ascendentes dos alunos, como é o caso do Brasil.

Um aspeto muito sublinhado pelos alunos nesta questão é que a língua falada no país de destino seria muito importante na tomada de decisão. Outro ponto realçado, pelos alunos, é a segurança do país, o que, se traduz nas escolhas feitas, pois os principais destinos são os europeus, conhecidos pela sua segurança e estabilidade.

Figura 43- Destinos de Emigração



Por fim, surge a questão “Sentes que os teus objetivos de vida (formação e situação profissional) são idênticos aos dos teus pais, ou pretendes alcançar mais e melhor?”, esta era uma questão aberta e pedia justificação. Contudo a amostra revelou-se concisa nas suas respostas.

De um modo geral todos os inquiridos afirmam querer mais e melhor que os pais a todos os níveis, quer sejam monetários, familiares ou residenciais. Ou seja, querem ter melhores salários que lhes proporcionem uma vida mais confortável e que dessa forma possam ter mais e melhores condições habitacionais. Outro ponto bastante referido é o facto de os pais não terem tido tantas oportunidades de qualificação, como eles estão a ter agora, dessa forma os jovens conseguirão alcançar mais pois têm uma família que os ajuda e incentiva a tal.

Tabela 1- Respostas à questão sobre os seus objetivos de vida

Exemplos de Respostas dadas pela amostra	“Os meus pais não tiveram as mesmas oportunidades que há agora, em termos económicos e fornecimento de informações.”
	“Os meus objetivos de vida não são muito idênticos aos dos meus pais porque eles não tiveram as mesmas oportunidades que eu. Ao contrário deles e graças aos seus sacrifícios, eu tenho muitas mais opções para o futuro.”
	“Eu pretendo alcançar mais e melhor porque quero ter um emprego estável.”
	“Os meus objetivos são diferentes dos objetivos da minha família, porque pretendo ter uma melhor qualidade de vida e trabalhar numa área que goste.”
	“Penso que os meus objetivos são idênticos aos dos meus pais. Os meus pais estão ambos ligados às artes, mas eu não pretendo seguir esse caminho, tenciono alcançar um nível de formação e situação profissional semelhante ao deles, pois considero que eles são bastante bem-sucedidos. Porém, se me for permitido chegar mais longe, fá-lo-ei.”
	“Pretendo alcançar mais e melhor, porque acho que é o que eles querem que eu faça e eu como o seu filho estou disposto a superá-los”
	“Eu pretendo que a minha formação e situação profissional seja melhor do que aquela que os meus pais têm uma vez que tive mais oportunidades a nível escolar.”

Em síntese, podemos perceber, que uma percentagem significativa dos alunos, perspetivam vir a migrar para outros locais do país, ou mesmo, para fora. Contudo, alguns, manifestam que, mesmo após a sua independência económica, preferiam permanecer próximo da família, o que comprova que a família tem um peso importante no seu projeto de vida.

Considerações Finais

As movimentações da população são um estudo em constante mudança, uma vez que existem diversas variáveis que a tornam mutável. Estas movimentações não se referem só à deslocação da população no espaço, mas são, igualmente, um fenómeno social, económico, geográfico e demográfico que afetam quer os indivíduos, quer os espaços de chegada ou partida.

Nesse sentido surge a necessidade de analisar os comportamentos quanto à mobilidade espacial e residencial das populações.

A atenção dada ao tema prende-se, também, com o facto de com a Covid-19, as pessoas ficaram impossibilitadas de se relacionarem com outras e em sociedade, desse modo voltaram-se mais para a família, apesar de à distância, e voltaram a reavivar laços e conexões possivelmente perdidas. Os jovens não são diferentes e não fogem a esta regra.

A família e a sua influência têm um papel de destaque, e foi perceptível que as decisões tomadas por um dos elementos do elo familiar, pode condicionar todos à sua volta. Exemplo disso é o nosso projeto de vida, que apesar de ser algo muito próprio e íntimo é afetado por todos os que nos rodeiam, mas sobretudo pela família, local da nossa formação individual e social.

Nesse sentido este relatório procurou relacionar se a família tem influência quando projetamos o nosso futuro no que toca à mobilidade.

Apesar de este estudo ser de pequena dimensão, com uma amostra de apenas 26 alunos e de ser centrado apenas num determinado momento das suas vidas, não incluindo as diferentes mudanças que o seus projetos de vida possam vir a sofrer ao longo do seu crescimento, foi-nos possível concluir que a mobilidade espacial/residencial, dos seus ascendentes, afeta e condiciona as perspetivas que os jovens têm.

A população tende como vimos no capítulo 1, a deslocar-se para as cidades mais dinâmicas, onde se encontra o emprego e as oportunidades, e com a análise das árvores genealógicas pudemos comprovar isso mesmo.

Se compararmos os locais de nascimento dos bisavós com os dos pais dos alunos percebemos que as gerações mais velhas tiveram uma maior mobilidade, uma vez que estas nasceram sobretudo em concelhos mais rurais da região Norte, e com o passar dos anos e das gerações foram dirigindo-se para o Porto e concelhos limítrofes com vista a aí se instalarem e criarem família. No caso das famílias emigradas, estas são oriundas dos principais polos emigratórios descritos no primeiro capítulo.

Esta predisposição à mudança e a novos locais parece que passou para as ambições dos alunos, ou seja, é possível afirmar que condicionou e teve impacto no que os jovens pretendem.

Grande parte da amostra afirma que estaria disposto a mudar de residência, tal como fizeram os seus antepassados, não pondo de parte a opção de emigrar. Contudo, muitos referem que preferem ficar perto da família, de modo a não perder o contacto com esta, ou seja, para os jovens a família continua a ter um importante papel nas decisões sobre o seu futuro.

Assim sendo a família funciona como escudo protetor, que está sempre na retaguarda e na qual os jovens depositam a sua confiança quanto ao futuro e quanto às decisões que poderão vir a tomar. É esse laço familiar que modela a maneira de pensar, de tomar decisões, a forma como se comportam e até a sua perspectiva de vida.

Este é um estudo que poderia ser bastante enriquecido, se fosse pensado a longo prazo, por exemplo, através de um acompanhamento dos jovens até à sua idade adulta, de modo a perceber se a família continua a desempenhar um papel tão importante na tomada de decisões quanto ao futuro, no que a mobilidade diz respeito, como o que tem agora enquanto ainda são tão jovens.

Podemos por fim concluir, respondendo a nossa pergunta de partida “De que forma a mobilidade espacial e residencial da família condiciona o projeto de vida dos estudantes?”

A família de facto é uma grande condicionante uma vez que é ela que toma as decisões sobre o projeto de vida dos jovens enquanto estes ainda são novos. No que toca à mobilidade os jovens seguem os pais, por isso a sua mobilidade já está a ser afetada, condicionando assim as suas aspirações para o seu futuro. Por exemplo, na nossa amostra é possível verificar que as diferentes mudanças no que toca ao local de residência da família durante as várias gerações, permitiu que os costumes e tradições se fossem alterando, construindo assim ao longo dos anos uma nova rede de valores e ambições pelos quais a família se vai reger no futuro.

Referências Bibliográficas

- Alves, J. F. (2003). *Prespetiva Histórica da Emigração Portuguesa*. Porto: Âncora Editores.
- Andrade, Â. (2010). *Projetos de Vida ou Vidas em Projetos: Uma prespetiva sócio-territorial*. Relatório de Mestrado, Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Antunes, M. L. (Novembro de 1980). *Migrações, mobilidade social e identidade cultural: factos e hipóteses sobre o caso português*. *Análise Social*, XVII(1), pp. 17-27.
- Arroteia, J. (1983). *A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA: SUAS ORIGENS E DISTRIBUIÇÃO* (Vol. 79). (ICLP, Ed.) Portugal: Biblioteca Breve.
- Arroteia, J. (2010). MIGRAÇÕES E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL:UMA ABORDAGEM GEOGRÁFICA. *Polígonos de Geografia*(20), pp. 131-146.
- Barreto, A. (2002). Mudança social em Portugal, 1960/2000. p. 29.
- Cepeda, F. J. (1995). *Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Dellazzana-Zanon, L., & Freitas, L. (maio/agosto de 2015). Uma revisão de literatura sobre a definição de projeto de vida na adolescência. *Interação Psicológica*, 19(2), pp. 281-292.
- Fernandes, J. L. (2001). Degradação ambiental e mobilidade espacial das populações. Um tema geográfico no início do século XXI. *Cadernos de Geografia*(20), p. 12.
- Gonçalves, C. (1997). *A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens*. Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Porto: Instituto de Consulta Psicológica, Formação e Desenvolvimento.

- Marcelino, M. Q., Catão, M. F., & Lima, C. (2009). Representações Sociais do Projeto de Vida entre adolescentes do Ensino Médio. *PSICOLOGIA CIÊNCIA E PROFISSÃO*, III(29), pp. 544-557.
- Marques, T. S. (2003). Dinâmicas Territoriais e as relações urbano-rurais. *Revista da Faculdade de Letras- Geografia*, XIX, pp. 507-521.
- Martins, L. P. (1999). Em torno de uma ruralidade em regressão e sobre um processo de concentração urbana- a população do Norte Interior. Em *Douro: estudos e desenvolvimento* (Vol. IV, pp. 27-59). Portugal.
- Padilla, B., & Ortiz, A. (julho/dezembro de 2012). Fluxos Migratórios em Portugal: do Boom migratório à desaceleração no contexto de crise. Balanços e desafios. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, XX(39), pp. 159-184.
- Peixoto, J. (abril de 1987). O crescimento da população urbana e a industrialização urbana. (22).
- Pires, R. P., & Pereira, C. (2018). Migrações, qualificações e desigualdade social. Em R. Carmo, J. Sebastião, J. Azevedo, S. Martins, & A. Costa, *Desigualdades Sociais: Portugal e a Europa* (pp. 335-352). Lisboa, Portugal: Mundos Sociais.
- Pires, R. P., Pereira, C., Azevedo, J., Vidigal, I., & Veiga, C. (2020). A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA NO SÉCULO XXI. *SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS*, pp. pp. 9-38. doi:10.7458/SPP20209419573
- Ramos, N. (2008). *Migração, Aculturação e Saúde*. Em J. Pessoa, *Saúde, Migração e Interculturalidade: Prespetivas Teóricas e Práticas* (pp. 45-96). Paraíba: Editora Universitária da UFPB.
- Silva, H. T. (2016). *FAMÍLIA, UM PROJETO DE VIDA- Reflexão no contexto da Unidade Letiva 3 do 9º ano*. Relatório de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Teologia, Lisboa.
- Silva, S., & Ventura, J. (2006). Mobilidade Espacial da população em Portugal: Emigração ou. *Imigração em Portugal e na União Europeia*.

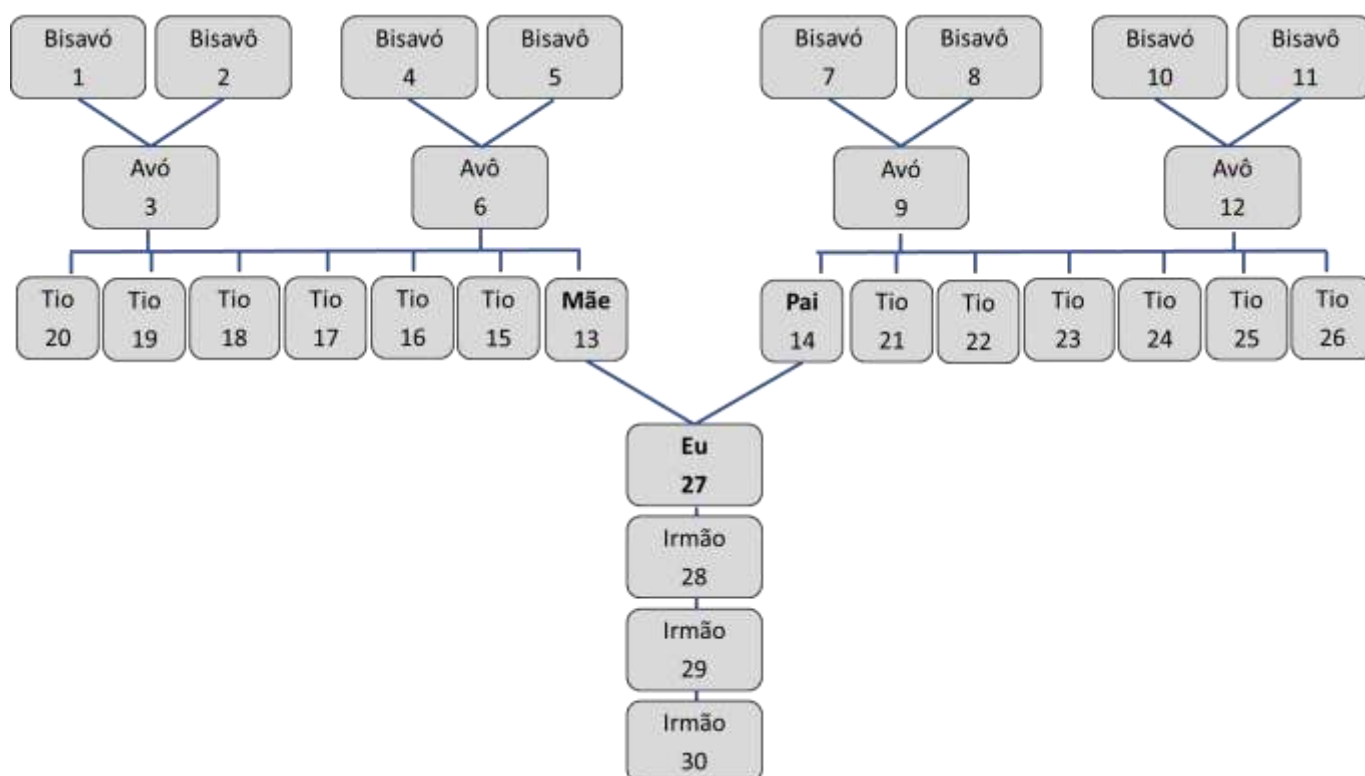
Anexos

Anexo 1- Árvore Genealógica

Este questionário decorre no desenvolvimento de uma investigação, no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3ºciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Com este estudo pretende-se analisar a influência familiar nos estudantes e nos seus projetos de vida.

Os dados recolhidos neste estudo são confidenciais, pelo que não irão ser revelados, sendo apenas utilizados para fins académicos.



Árvore Genealógica

Grau de Parentesco	Data de nascimento (mês e ano)	Local de nascimento (freguesia e concelho)	Local de residência (freguesia e concelho)	Grau de Escolaridade	Curso e local onde estudou	Profissão (atual e anterior)
1. Bisavó						
2. Bisavô						
3. Avó materna						
4. Bisavó						
5. Bisavô						
6. Avô materno						
7. Bisavó						
8. Bisavô						
9. Avó paterna						
10. Bisavó						
11. Bisavô						
12. Avô paterno						
13. Mãe (Progenitor 1)						
14. Pai (Progenitor 2)						
15. Tio(a) materno direto(a)						
16.						

17.						
18.						
19.						
20.						
21. Tio(a) paterno direto(a)						
22.						
23.						
24.						
25.						
26.						
27. Eu						
28. Irmão (ã)						
29. Irmão (ã)						
30. Irmão (ã)						
Acrescenta mais informação se necessário						

Anexo 2- Inquérito sobre o Projeto de Vida



Secção 1 de 12

Inquérito - Projeto de Vida

Este questionário decorre no desenvolvimento de uma investigação, no âmbito do Mestrado em Ensino de Geografia no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Com este estudo pretende-se analisar a influência familiar nos estudantes e nos seus projetos de vida. Os dados recolhidos neste estudo são confidenciais, pelo que não irão ser revelados, sendo apenas utilizados para fins académicos.

Se necessitar, entre em contacto: anacatarinapacheco98@gmail.com

Email *

Email válido

Este formulário está a recolher emails. [Alterar definições](#)

Escola:

Turma

Texto de resposta curta

Nome (primeiro e último)

Texto de resposta curta

Data de nascimento

Dia, mês, ano

Indica a freguesia onde vives

Texto de resposta longa

1. Que curso pretendes seguir no Ensino Secundário?

☐ Ciências e Tecnologias
☐ Línguas e Humanidades
☐ Ciências Socio-económicas
☐ Artes Visuais
☐ Curso Profissional

Após a secção 1: Continuar para a secção seguinte

Secção 2 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Indica o nome do curso profissional que pretendes seguir?

Texto de resposta curta

Secção 3 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Depois do Ensino Secundário pretendes seguir um curso superior?

☐ Sim
☐ Não

Após a secção 3: Continuar para a secção seguinte

Secção 4 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Qual o curso que pretendes seguir e em que instituição de ensino superior?

Texto de resposta longa

Secção 5 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Qual o motivo de não quereses seguir estudos no ensino superior?

Texto de resposta longa

Após a secção 5 Ir para a secção 6

Secção 6 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Que profissão te vês a desempenhar no futuro?

Texto de resposta longa

Caso não encontres uma vaga de emprego na área em que te especializaste, estás disposto a procurar emprego noutra área?

☐ Sim

☐ Não

Após a secção 6 Continuar para a secção seguinte

Secção 7 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Não encontrando uma vaga de emprego na área em que te especializaste, qual seria a área em que aceitarias trabalhar?

Texto de resposta longa

Após a secção 7 Continuar para a secção seguinte

Secção 8 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Caso não encontres emprego na tua área de residência estarías disposto a trabalhar noutra local de Portugal?

☐ Sim

☐ Não

Após a secção 8 Continuar para a secção seguinte

Secção 9 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Tendo em conta que respondeste "SIM" na questão anterior, para onde irías?

Texto de resposta curta

Secção 10 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Caso não encontres emprego na tua área de residência estarías disposto a emigrar?

☐ Sim

☐ Não

Após a secção 10 Continuar para a secção seguinte

Secção 11 de 12

Título da secção (opcional)

Descrição (opcional)

Para que país/países te mudarias?

Texto de resposta longa

Título da secção (opcional)



Descrição (opcional)

Quando atingires a tua independência económica pretendes viver: *

- ☐ Em casa dos teus pais ou responsáveis legais de ti
- ☐ Na mesma freguesia que os teus pais ou responsáveis legais de ti
- ☐ No mesmo concelho que os teus pais ou responsáveis legais de ti
- ☐ No mesmo distrito que os teus pais ou responsáveis legais de ti
- ☐ Em qualquer local do país
- ☐ Ou fora do país

Sentes que os teus objetivos de vida (formação e situação profissional) são idênticos aos dos teus pais, ou pretendes alcançar mais e melhor? Justifica. *

Texto de resposta longa